



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ-UFOPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

FRANCICLEIDE GOMES RODRIGUES

**JACA E PARANÁ-PIXUNA: ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA, MEMÓRIA E
MAPEAMENTO COLABORATIVO, NO TERRITÓRIO TUPINAMBÁ, BAIXO RIO
TAPAJÓS/PA.**

SANTARÉM - PA

ABRIL - 2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ-UFOPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

FRANCICLEIDE GOMES RODRIGUES

JACA E PARANÁ-PIXUNA: ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA, MEMÓRIA E
MAPEAMENTO COLABORATIVO, NO TERRITÓRIO TUPINAMBÁ, BAIXO RIO
TAPAJÓS/PA.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Instituto de Ciências da Sociedade – ICS da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Bacharel em Arqueologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Camila Pereira Jácome
Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Anne Rapp Py-Daniel

SANTARÉM - PA
ABRIL – 2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

R696j Rodrigues, Francicleide Gomes
Jaca e Paraná-Pixuna: arqueologia, história, memória e mapeamento colaborati-
vo, no território tupinambá, Baixo Rio Tapajós/PA / Francicleide Gomes Rodrigues.
– Santarém, 2024.
91 p.: il.
Inclui bibliografias.

Orientação: Camila Pereira Jácome; Coorientação: Anne Rapp Py-Daniel.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pa-
rá, Instituto de Ciências da Sociedade, Bacharelado em Arqueologia.

1. Arqueologia indígena. 2. Memória. 3. Tupinambá (Território). I. Jácome, Ca-
mila Pereira, *orient.* II. Py-Daniel, Anne Rapp, *coorient.* Título.

CDD: 23 ed. 930.1

Bibliotecário - Documentalista: Mayco Ferreira Chaves – CRB/2 1357

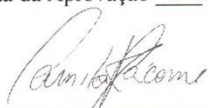
FRANCICLEIDE GOMES RODRIGUES

**JACA E PARANÁ-PIXUNA: ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA, MEMÓRIA E
MAPEAMENTO COLABORATIVO, NO TERRITÓRIO TUPINAMBÁ,
BAIXO RIO TAPAJÓS/PA.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao
Instituto de Ciências da Sociedade – ICS da
Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA,
como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de
Bacharel em Arqueologia.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Camila Pereira Jácome
Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a. Anne Rapp Py-Daniel

Conceito: 10.0

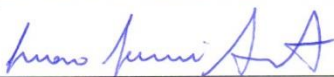
Data da Aprovação 06/05/2024



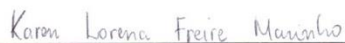
Prof.^a Dra. Camila Pereira Jácome – Orientadora
Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA



Prof.^a Dra. Anne Rapp Py-Daniel – Co-orientadora
Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA



Prof.^a Dra. Luana Lazzeri Arantes – Avaliadora
Projeto Saúde e Alegria - PSA



Prof.^a MSc. Karen Lorena Marinho – Avaliadora
Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Tupã que me concedeu a vida, a saúde e muita força para vencer cada etapa da minha vida.

Quero agradecer a minha família que sempre me apoiou, me incentivou e quando necessário, me repreendeu, mas acima de tudo sempre acreditou que eu seria capaz de vencer os momentos mais difíceis da minha vida. Quero agradecer imensamente à minha mãe Odete Gomes do Carmo, ao meu pai Flávio Silva Rodrigues, às minhas irmãs Ana Beatriz, Francely Gomes Rodrigues e Rosiane Gomes Rodrigues que estiveram ao meu lado e me ajudaram a cuidar da minha filha durante esse período que estive na universidade.

Quero agradecer a minha prima Elineia Mota Rodrigues que esteve presente comigo durante o nascimento da minha filha. Quero agradecer a minha prima Patrícia Mota Rodrigues, que me ajudou a cuidar da minha filha quando eu vinha para a universidade. Quero dizer a todos vocês e dizer que eu sou imensamente grata por tudo que fizeram por mim e por minha filha. À vocês o meu muito obrigada!

Quero agradecer especialmente a minha filha Cecília Ester Rodrigues Araújo por existir em minha vida. E dizer que tenho aprendido muito com você sobre amor, doçura e resiliência.

Quero agradecer a todas as lideranças da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna, em especial, Cacique Eládio Rodrigues, Cacique Darlin Sarmiento, Cacique Tiago Sarmiento, minha tia Anezina Rodrigues, tia Dineia Mota de Sousa, a meu tio Tadeu Melo Sarmiento, dona Oneide Melo Vieira e a Majé Ester por me apoiarem em todas as etapas deste trabalho.

Quero agradecer ao curso de Arqueologia da UFOPA, aos professores (as), aos colegas, pelos momentos incríveis que tivemos durante a nossa trajetória na Universidade. Quero agradecer a minha amiga Elaine Pinto, arqueóloga Quilombola, que sempre esteve ao meu lado, me ouvindo e incentivando tanto na minha pessoal e na minha trajetória acadêmica. Quero agradecer ao meu amigo Ronald Azulay, que me ajudou na construção dos mapas para este trabalho. Também quero agradecer a minha amiga Cristiane Colares, arqueóloga, que me ajudou na formatação deste trabalho.

Quero agradecer a minha orientadora Prof^ª. Dr^a Camila Pereira Jácome e a minha Co-orientadora Prof^ª. Dr^a Anne Rapp Py-Daniel que sempre se fizeram presentes quando precisei e que me deram todo o suporte necessário para a realização deste trabalho. À vocês mulheres, mães, arqueólogas, que trabalham incansavelmente pelo conhecimento científico, o meu muito obrigada por estarem comigo nessa caminhada. Vocês são minhas inspirações!

E por último quero agradecer ao meu Povo Tupinambá por estarmos juntos lutando pelo nosso território. A luta nunca para, juntos iremos lutar por nossos direitos!!!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados da minha pesquisa baseada na perspectiva da Arqueologia Indígena, feita nas Aldeias Jaca e Paraná-Pixuna do território Tupinambá (Santarém/PA), povo do qual faço parte. Durante a vida dos nossos antepassados, eles nos deixaram muitas marcas na paisagem local, sobretudo, nas margens do rio, lagos e igarapés. São registros históricos que nos remetem às memórias, que contam a história do povo Tupinambá. O levantamento dessas informações foi desenvolvido por meio de revisão bibliográfica e pesquisa de campo. A etapa de campo foi desenvolvida com os moradores das aldeias por meio do uso de técnicas da história oral, uma vez que os sítios arqueológicos fazem parte da história e da memória dos lugares, além de ser um instrumento para reivindicação de identidade étnica e direito a território tradicional reconhecido pelo Estado. Associado a isto, também utilizamos o mapeamento colaborativo com as comunidades. Espero que este estudo possa contribuir para o fortalecimento da identidade territorial das pessoas dessas aldeias com as paisagens do presente e do passado. Por isso, esperamos que esse trabalho possa contribuir com a valorização desses laços de pertencimento do povo Tupinambá com seu território e com os vestígios arqueológicos.

Palavras-chave: Arqueologia Indígena, Aldeias, Memória, Território Tupinambá.

ABSTRACT

This study aims to present the results of my research based on the perspective of Indigenous Archeology, it was carried out in the Jaca and Paraná-Pixuna Villages of the Tupinambá Territory (Santarém/PA), the nation of which I am part. During our ancestors lifetime, they left us many imprints on the local landscape, especially in the riverbanks, lakes and streams. These are historical records that take us back to memories, that tell the story of the Tupinambá Nation. In order to gather this information it was conducted a thorough bibliographic review and field research. The field work was developed with village residents through the use of oral history techniques, since archaeological sites are part of the history and memory of places, in addition to being an instrument for claiming ethnic identity and the right to traditional territory recognized by the State. Associated with this, we also used collaborative mapping with communities. I hope this study can contribute to strengthening the territorial identity of the people of these villages with the landscapes of the present and the past. Therefore, we hope that this work can contribute to a proper appreciation of the sense of belonging of the Tupinambá people with their territory and with the archaeological remains.

Keywords: Indigenous Archaeology, Traditional Villages, Memory, Tupinambá Territory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de localização das aldeias da Terra Indígena Tupinambá	17
Figura 2 – Roça de mandioca na aldeia de Jaca	24
Figura 3 – Produção de farinha, principal de alimento e renda do Povo Tupinambá.....	25
Figura 4 - Mapa dos sítios arqueológicos identificados pela arqueóloga Denise Gomes, na área da aldeia Papagaio e São Francisco	29
Figura 5 - A: Vestígios Arqueológicos sobre a superfície na aldeia Pajurá e B: Material cerâmico sobre a superfície na aldeia Brinco das Moças	31
Figura 6 - A: Panela de barro encontrada no quintal de moradora da aldeia Pajura e B: Panela de barro encontrada no quintal de moradora da aldeia Pajura, apresenta uma pigmentação branca com a face externa decorada	32
Figura 7- A e B: Apresentação dos etnomapas para o Cacique Eládio Rodrigues e Cacique Tiago de Melo Sarmento	35
Figura 8- Páginas do caderno de campo, com as transcrições das entrevistas	37
Figura 9- Mapa de localização da área de estudo, aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna	39
Figura 10- Lideranças indígenas da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna, participando de uma oficina sobre Ancestralidade na aldeia de Jaca, promovida pelo Comitê de Memória, Identidade e Território (CMIT), em parceria com o CITUPI, na aldeia de Jaca	45
Figura 11- Equipe no local do mapeamento colaborativo na aldeia Paraná-Pixuna, em setembro de 2023	47
Figura 12- Imagem de satélite dos pontos georreferenciados na aldeia de Jaca	50
Figura 13- Imagem de satélite dos pontos georreferenciados na aldeia Paraná-Pixuna.....	51
Figura 14- Local da antiga casa de Palmira e Aureliano, vestígios do chão batido ainda estão visíveis	51
Figura 15- Em meio a vegetação, está localizado o aterro da casa de Damiana e Idácio, um local que foi ocupado, mas atualmente está abandonado	52
Figura 16- Vestígios da casa de Elói e Hilda	53
Figura 17- Seringal, planta de Eloi que hoje pertence ao Cacique Tiago de Melo Sarmento	53
Figura 18- Vestígios da casa de Bruno Sarmento e Maria Madalena	54
Figura 19- A: Local onde ficava a casa do Antônio Rodrigues e B: Cacique Eládio Rodrigues mostrando onde passava o antigo caminho da aldeia	55

Figura 20- Cacique Eládio Rodrigues, indicando o local da casa de Santilde Rodrigues e Marciano Miranda.....	55
Figura 21- A: Restos da estrutura do alicerce da residência da minha avó Eponina e B: Mangueira planta de minha avó	56
Figura 22- Resto do piso da casa dos meus pais	57
Figura 23- A: Casa de Magno Melo e Salustiana Caetano (falecidos), antigos moradores de Jaca e B: Plantas deixadas pelo casal	57
Figura 24 - Terra Preta do Paraná-Pixuna	58
Figura 25- Roça sobre a área de terra preta	58
Figura 26- Material arqueológico em superfície, próximo ao pé de taperebá centenário.....	59
Figura 27- Afloramento cerâmico no caminho do porto do Cacique Tiago de Melo Sarmento que dá acesso ao lago do Paraná-Pixuna	59
Figura 28- Vestígios cerâmicos identificados em superfície próximo à casa do Cacique Tiago de Melo Sarmento	59
Figura 29- Faces externas de parede simples e com decoração de incisões	59
Figura 30- A e B: Sobre a superfície, vestígios da ocupação mais recente, paredes de forno de barro	60
Figura 31- Material Tubular, possivelmente um lítico, com perfuração no meio	60
Figura 32- A: Materiais da pequena Coleção da Majé Ester Oliveira dos Santos. B: Material zoomorfo, faz parte da coleção da Majé. C: Lâminas de machado de índio encontrados pela Majé ao entorno de sua habilitação	61
Figura 33- Imagem de Satélite da área do Cemitério Santa Cruz	63
Figura 34- A: Cemitério Santa Cruz; B: Túmulos de grade de ferro e C: Túmulos com revestimentos cerâmicos	64
Figura 35- Casa construída sobre a sepultura de Palmira e Aureliano, pais de Tomé Sarmento dos Santos	65
Figura 36- Ruínas do cruzeiro fundador do cemitério Santa Cruz	65
Figura 37- Local da antiga Cabeceira do Flávio, no círculo vermelho vestígio da estaca do jirau	67
Figura 38 - A e B: Local da antiga Cabeceira do Cacique Eládio Rodrigues, onde trabalhou por mais de doze anos. Neste lugar ainda há várias espécies de plantas, como mangueira e cupuaçu	6

Figura 39- Antiga casa da família do Cacique Eládio Rodrigues, construída com madeira e coberta de palha	70
Figura 40- Casa do Cacique Eládio Rodrigues, construída pelo Projeto Crédito Habitação	70
Figura 41- Ruínas da parede da igreja católica	71
Figura 42- Etnomapa da aldeia Jaca. Procurei evidenciar neste desenho, antes das entrevistas, os lugares antigos e atuais da aldeia	72
Figura 43- Vetorização do entonomapa da aldeia de Jaca	72
Figura 44 - Etnomapa da aldeia Paraná-Pixuna. Evidencio neste desenho os lugares antigos e recentes da aldeia Paraná-Pixuna	73
Figura 45- Vetorização do entonomapa da aldeia Paraná-Pixuna	73
Figura 46- Cacique Eládio Rodrigues nos mostrando a árvore de Loireiro, também conhecidos pelos moradores locais como Pau do Patauí, que demarca o limite territorial entre aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna	78
Figura 47- Cacique Eládio Rodrigues	84
Figura 48 - Anezina Rodrigues	85
Figura 49 - Tadeu Melo Sarmiento	85
Figura 50- Oneide Melo Vieira	86
Figura 51 - Cacique Tiago de Melo Sarmiento	86
Figura 52 - Tomé Sarmiento dos Santos	87
Figura 53 – Majé Ester Oliveira dos Santos	87
Figura 54 - Flávio Silva Rodrigues	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Lugares Georreferenciados na Aldeia de Jaca	48
Tabela 2- Lugares Georreferenciados na Aldeia Paraná-Pixuna	49

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I – O TERRITÓRIO TUPINAMBÁ	21
1.1 Introdução	21
1.2 Breve Histórico de Luta e Resistência do Povo Tupinambá do Baixo Tapajós	22
1.3 Nossos Modos de vida	24
1.4 Quanto aos direitos territoriais	25
1.5 Contexto Arqueológico no Território Tupinambá	28
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	34
CAPÍTULO III – RESULTADOS	39
3.1 Introdução	39
3.2 História e Memória da Aldeia de Jaca	40
3.3 História e Memória da Aldeia Paraná-Pixuna	43
3.4 Mapeamento Colaborativo	46
3.4.1 Lugares das casas dos moradores mais antigos da aldeia de Paraná-Pixuna ..	51
3.4.2 Lugares das casas dos moradores mais antigos da aldeia Jaca	54
3.4.3 Terra Preta do Paraná-Pixuna	58
3.4.4 Cemitério Santa Cruz	62
3.4.5 Antigas Cabeceiras	66
3.5 Mudanças na Aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna	69
CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
APÊNDICES	84
ANEXO	90

APRESENTAÇÃO

Neste item, que está dividido em duas partes, faço uma apresentação sobre a minha história de vida durante esses 32 anos. Falo sobre a minha família, especialmente, sobre os meus pais que sempre fizeram parte do movimento social na aldeia. Também destaco a minha trajetória escolar desde a educação infantil até a Universidade. Trazendo as dificuldades que encontrávamos dentro da aldeia para termos acesso à educação básica, que no início da minha vida escolar não foi fácil concluir o ensino fundamental, quando chegávamos ao 5º ano tínhamos que nos deslocar quilômetros de bicicleta ou às vezes a pé, devido naquela época não termos acesso ao transporte público para estudarmos em escolas não indígenas, sofrendo todo tipo de preconceito, racismo e violência.

Minha Origem

Eu pertenço ao povo Tupinambá, nasci na Aldeia de Jaca, na margem esquerda do Rio Tapajós, no Município de Santarém, Pará, no dia 19 de abril de 1991, onde vivi até os meus 14 anos. Sou filha de Odete Gomes do Carmo e Flávio Silva Rodrigues. Minha mãe teve sete filhas mulheres: Cleiva Gomes do Carmo, Cleice Brito, Rosiclei Gomes, Rosiane Gomes Rodrigues, Francely Gomes Rodrigues e Ana Beatriz Gomes Rodrigues. Atualmente, minhas irmãs residem em Santarém/PA e duas moram em Manaus/AM.

Meus pais não tiveram a oportunidade de estudar, antigamente o acesso à escola era muito difícil. Apesar de minha mãe ter somente o primeiro ano do ensino fundamental, ela lê um pouco e sabe assinar o seu nome, foi ela que me ensinou a ler e sempre me incentivou a estudar. O meu pai também não teve a oportunidade de estudar, devido o meu avô ter falecido ainda jovem e, juntamente com seus irmãos, tiveram que ajudar a sua mãe a trabalhar na roça, por isso estudou até a quarta série do ensino fundamental, assim como minha genitora, ele também sabe ler e escrever.

A minha família paterna sempre foi engajada nos movimentos sociais e na luta por nossos direitos. Sempre estiveram presentes nas lutas do baixo Tapajós, em especial do território Tupinambá. Meu pai e meus tios (Eládio Rodrigues e Inácio Rodrigues), estiveram presentes na luta pela criação da Reserva Extrativistas Tapajós-Arapiuns (RESEX), pelo movimento indígena no final dos anos 90. Meu pai foi Cacique da Aldeia de Jaca, e quando mudamos para a comunidade Parauá, em 2010, entregou a função para o seu irmão Eládio Rodrigues. Meu tio Inácio, também era cacique da aldeia Jacaré, mas hoje encontra-se com sua saúde debilitada e entregou o seu cargo de Cacique para o seu filho mais velho.

Como pode ser visto, eu cresci vendo o meu pai indo para a luta, passando semanas e até meses fora de casa. E minha mãe, que eu considero uma grande guerreira, assumia toda a responsabilidade de casa, assim como o nosso sustento. Eu e minhas irmãs ajudávamos meus pais na roça, fazíamos farinha para o nosso sustento e para pagar as viagens do meu pai, para sua participação em encontros, reuniões e assembleias, uma vez que, ele não tinha nenhuma ajuda financeira para ir. Minha mãe fazia farinha, pescava e caçava para a nossa alimentação.

Mas devido a minha mãe ter alguns problemas de saúde, em 2010, meus pais decidiram mudar-se para a Comunidade de Parauá/Aldeia Papagaio, onde vive a minha família materna.

Estudei a educação infantil, na Escola Menino Jesus, localizada na aldeia de Jaca, mas devido funcionar somente o Ensino Fundamental I, eu fui estudar com minhas irmãs e meus primos (as), na Escola Dom Frederico Costa, na Vila de Boim, a aproximadamente duas horas e meia, caminhando, saímos às 10:00 horas e chegávamos na escola às 12:00 horas. Mas antes de irmos para a aula, tínhamos que ajudar os nossos pais na roça, subíamos cedo para a cabeceira, lugar onde antigamente ficava a casa de farinha e a roça, cerca de 45 minutos da nossa casa de morada. Nesse período que ficamos estudando na Vila de Boim, enfrentamos vários obstáculos, tínhamos tudo para desistir dos nossos estudos, por conta das grandes enchentes e riscos de abusos sexuais.

Aos 14 anos, sai da minha terra para estudar na cidade de Santarém/PA. Onde trabalhei em casas de família em troca de moradia. Morava na casa da minha tia Catarina Rodrigues, irmã do meu pai, que faleceu em 2008. E como eu precisava me manter na cidade e na escola, trabalhava em casa de família no período da manhã e à tarde ia para o colégio. Cursei o ensino Médio na Escola Estadual Felisbela Jaguar Sussuarana, concluindo em 2009.

Minha Trajetória na Universidade

Eu sempre tive o sonho de entrar para a universidade pública, para fazer uma graduação. Por isso, fiz cursinho pré-vestibular e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), mas não consegui entrar para o curso que tinha escolhido, Biologia. Em 2017, eu vi uma oportunidade de entrar na universidade, pelo processo seletivo indígena (PSEI), da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA. Então, eu me inscrevi e fiz as provas (redação e entrevistas), fui aprovada para o curso de bacharelado em Arqueologia, como primeira opção. Mas antes de entrarmos para o curso, fizemos a Formação Básica Indígena (FBI), que nos proporcionou uma formação básica em várias disciplinas, no ensino superior, com a duração de dois semestres. Em 2018, entrei para o curso, que havia escolhido no processo seletivo.

Desde o primeiro momento que entrei para a universidade, sempre pensei em desenvolver o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no meu território Tupinambá. No sétimo semestre da graduação, comecei a escrever o meu projeto de pesquisa, com o tema: *As relações entre vestígios arqueológicos e os indígenas do Baixo Tapajós: um estudo sobre memória e identidade no território Tupinambá*, no âmbito da disciplina Projeto de Pesquisa. Mas a minha proposta de trabalho começou a ser pensada, ainda na FBI, com o auxílio da professora Marília Leite, na disciplina “Elaboração de Projeto”, e foi amadurecendo ao longo desses anos que estive na universidade.

Hoje estou na fase final da minha graduação, sou a primeira pessoa da minha família a entrar para a universidade e concluir o ensino superior. Mas eu confesso que chegar até esse momento, não foi fácil, pois, durante a graduação, eu engravidei da minha única filha e foi o momento mais difícil da minha vida, fui abandonada grávida pelo meu ex-marido, com quem vivi cinco anos, aos seis meses de gravidez. Por conta disso, senti vontade de desistir da universidade várias vezes. Na época da pandemia mundial da COVID-19, estávamos em isolamento, fiquei depressiva. Quando as aulas voltaram de forma remota, me matriculei nas disciplinas, mesmo estando grávida, era uma forma de ocupar os meus pensamentos com as leituras dos textos passados nas disciplinas. Mas logo, chegava o mês da minha filha nascer, e eu estava sem nenhum tipo de assistência do genitor dela.

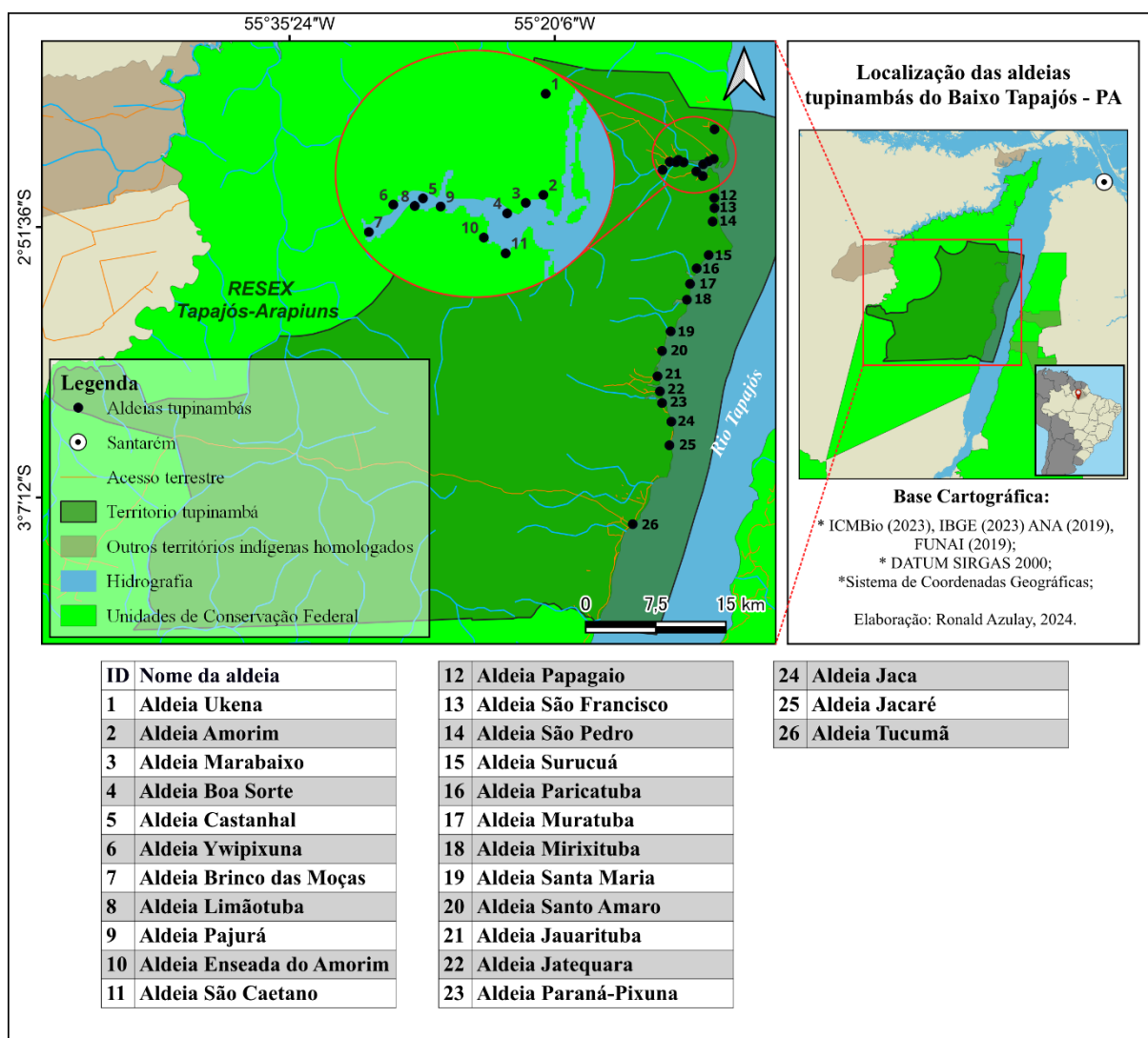
Cecília nasceu no dia 27 de abril de 2021, e o semestre estava terminando e logo começaria o próximo. Eu poderia ter pego a licença maternidade, mas decidi que não faria isso, porque eu tinha certeza que se parasse de estudar, não voltaria para a sala de aula. Então, continuei estudando, com minha filha recém nascida e mais uma vez tive que enfrentar vários problemas. Eu precisava cuidar da minha bebê, assistir as aulas remotas, ler os textos e fazer os meus trabalhos acadêmicos. Mas eu não estava mais sozinha, eu sempre senti a necessidade de concluir a graduação por mim e por minha filha. E hoje, que eu estou na fase final do meu curso, desenvolvendo a minha pesquisa, a minha filha está comigo, ela me motiva todos os dias a seguir em frente, porque a vida de uma mãe solo, desempregada, não é fácil, mas eu não desisti de estudar. Atualmente faço parte da Coordenação Executiva do Conselho Indígena Tupinambá (CITUPI), onde estamos desenvolvendo vários trabalhos em prol do nosso povo.

INTRODUÇÃO

O Povo Tupinambá do Baixo Tapajós, vive na margem esquerda do Rio Tapajós, no território Tupinambá, sobreposto à Reserva Extrativista Tapajós e Arapiuns (RESEX), criada em 1998, totalizando uma extensão de 272.000 hectares de Terra Indígena Tupinambá, no município de Santarém, no estado do Pará (Figura 2). Os Tupinambá também habitam as regiões de florestas, nas margens do rio Amorim, afluente do rio Tapajós.

O território Tupinambá é composto por 26 aldeias, sendo 25 aldeias do povo Tupinambá (Tucumã, Jacaré, Jaca, Paraná-Pixuna, Jatequara, Jauarituba, Santo Amaro, Santa Maria, Mirixituba, Muratuba, Paricatuba, Surucuá, São Pedro, Papagaio, São Francisco, São Caetano, Enseada do Amorim, Vila do Amorim, Boa Sorte, Marabaixo, Pajurá, Castanhal, Limãotuba, Yupixuna e Ukena) e 01 aldeia do povo Kumaruara (Brinco das Moças), totalizando aproximadamente 4.000 indígenas Tupinambá e Kumaruara. Apesar dos indígenas serem da etnia Kumaruara, eles fazem parte do território Tupinambá, em todas as tomadas de decisões e para qualquer tipo de assistência, como por exemplo, saúde e educação. O território Tupinambá faz limite com os municípios de Belterra e Aveiro. No norte faz limite com o território Kumaruara, ao leste com as aldeias/comunidades que pertencem ao município de Belterra, a oeste com as aldeias e aldeias/comunidades do rio Arapiuns e ao Sul com a comunidade de Andurú, no município de Aveiro.

Figura 1- Mapa de localização das aldeias da Terra Indígena Tupinambá



Fonte: Ronald Azulay, 2024.

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa de campo e de levantamento de fontes escritas, realizado dentro da Terra Indígena Tupinambá. Ele tem como principal objetivo apresentar os resultados da minha pesquisa sobre o processo ocupacional da Aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna e as relações identitárias com o patrimônio arqueológico, ao longo da sua história, a partir da cultura material, da oralidade e do mapeamento colaborativo dos sítios arqueológicos e dos lugares considerados significativos para os moradores destas aldeias.

Dentro deste grande objetivo temos os seguintes objetivos específicos:

- 1- Fazer um levantamento dos dados históricos com as pessoas mais velhas acerca dos sítios arqueológicos e a sistematização desses dados por meio de textos no caderno de campo.

- 2- Realizar o mapeamento e caracterização dos sítios arqueológicos, assim como, de outros lugares de memória indígena e relevância para as pessoas;
- 3- Localizar os sítios arqueológicos em torno das comunidades e das áreas mais afastadas. Entender as relações das pessoas das aldeias com os sítios Arqueológicos e seus significados;
- 4- Pensar a categoria de sítios arqueológicos usados por nós indígenas da aldeia para denominar o local onde estão os vestígios arqueológicos.

A partir dos levantamentos realizados dentro da área de estudo, podemos considerar que os diálogos apresentados neste trabalho são muito importantes para a aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna. São registros históricos do nosso povo, que por várias décadas, foi silenciado pela sociedade dominante e envolvente. Neste sentido, senti a necessidade, enquanto mulher indígena Tupinambá e pesquisadora indígena, de desenvolver minha pesquisa no meu território, tecendo a trajetória histórica da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna através das memórias, das narrativas contadas por nossos sábios mais velhos, dos sítios arqueológicos anteriores e posteriores ao contato com os europeus e dos lugares significativos. Como diz Jaime Xamen Wai Wai “As nossas fontes para fazer arqueologia estão depositadas em nosso território, nos nossos rios e lagos, nas pedras, nas montanhas e na paisagem como um todo” (Wai Wai, 2022, p. 40). Tais informações podem ser materiais, imateriais e orais. As memórias que trago neste trabalho são do nosso território, do nosso coletivo, elas são ancestrais. Sabemos que para muitos estudos, na área da historiografia, eram consideradas somente as fontes escritas, mas na atualidade estamos resgatando essas informações para construir as nossas histórias a partir das histórias locais, da valorização das memórias individuais e coletivas, colocando como protagonistas históricos os nossos mais velhos, as nossas lideranças e o nosso povo que tanto colabora para o fortalecimento da nossa identidade, trazendo para o conhecimento referências deixadas por nossos ancestrais. Conforme, descrito na “Carta Ilagé Tupinambá¹” organizada no final do VI Grito Ancestral do Povo Tupinambá, em 2023:

Nós, povo Tupinambá, enquanto povo originário, reconhecemos que a Terra é a nossa Mãe e que, por meio dela, somos parte de um universo espiritual muito maior. Essa consciência é compartilhada, também, por outros povos, também originários como nós, que trazem em suas tradições e culturas a memória ancestral de uma vida em constante comunhão com o mundo. (Aldeia Jacaré, Rio Tapajós, Santarém-PA, 22 de dezembro de 2023).

¹ <https://www.instagram.com/p/C1KSHkYOc8R/?igsh=MTEyNDVkaaj2ajQ0dg==>

Esta pesquisa foi essencial para a minha vida acadêmica, como pesquisadora indígena, através da mesma pude registrar o nosso passado. Onde procurei entender e transcrever a trajetória do grupo social que não se assumia indígena até meados da década de 90, devido o preconceito e o processo de colonização violento na região, mas tínhamos o conhecimento das nossas origens e ancestralidade que foram repassadas por meio da oralidade dos nossos antepassados. E a partir do momento que começamos a valorização da nossa identidade, fortalecemos a nossa luta por espaços dentro da conjuntura política para que nossos direitos fossem respeitados, principalmente, saúde, educação e demarcação do território. Queremos que este registro escrito histórico da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna, ajude a juventude Tupinambá a conhecer a nossa história, assim como a sociedade em geral, sobretudo o Estado Brasileiro, que por diversas vezes negou a nossa existência como verdadeiros donos dessas terras tradicionalmente ocupada por nós.

Neste sentido, decidimos priorizar a memória da ancestralidade e a oralidade do nosso povo por considerarmos um método muito eficiente para conhecermos as nossas origens, culturas, tradições e o nosso território. Se nós queremos escrever nossas próprias histórias precisamos ouvir as vozes do território, que há muito tempo estiveram silenciadas pela sociedade, trazendo uma história sob olhar de pesquisadora indígena. Além das narrativas, elaboramos e seguimos um questionário com doze perguntas que nos direcionou no desenvolvimento desta pesquisa, com perguntas relacionadas a vida pessoal dos nossos interlocutores, sobre os lugares significativos e os sítios arqueológicos, que nos deram embasamento para compreender como as pessoas se apropriam da paisagem, dando significados aos lugares e assim elaborando a sua noção de território

A partir disso, queremos justificar este trabalho, dizendo que a ocupação das populações indígenas e a utilização do meio ambiente no baixo Tapajós deixou vários vestígios arqueológicos que hoje servem como provas de que nossos antepassados habitavam a região desde épocas passadas. São vestígios que podem ser encontrados tanto no entorno das aldeias e nas áreas mais distantes da margem do rio. Dessa forma, os sítios arqueológicos mapeados pela arqueóloga Denise Gomes (entre 2001 e 2003) e o estudo do caso da aldeia São Francisco, realizado pelo arqueólogo indígena Tupinambá Hudson Romário Melo de Jesus (2022), comprovam a riqueza do histórico de ocupação indígena do território Tupinambá, sendo cada vez mais necessário o incentivo à pesquisa e às ações de preservação para que a nossa geração e as futuras gerações também tenham a oportunidade de conhecer o passado do lugar onde vivemos. Conforme, enfatiza Hudson Romário Melo de Jesus:

Alguns dos principais contextos de ocupação humana, reconhecidamente, considerados como um dos mais antigos das Américas estão localizados na região amazônica e na região do baixo Tapajós. Eles atestam a antiguidade da manufatura cerâmica e a modificação da paisagem realizada por grupos humanos. (Jesus, 2023, p. 78).

Os povos indígenas que viveram nessa região, onde hoje está localizado o território Tupinambá, deixaram várias evidências das suas antigas aldeias, como por exemplo, os materiais cerâmicos e a terra preta que indicam que esta região foi habitada por populações indígenas em períodos anteriores à colonização. Este trabalho foi essencial para entendermos a Arqueologia da região e a sua importância nas questões sociais e as nossas relações com o patrimônio arqueológico. Portanto, o trabalho nas comunidades vem para nos ajudar a compreender a nossa história de ocupação territorial e ao mesmo tempo para mostrar a importância dos estudos arqueológicos para garantir a preservação da cultura e dos direitos territoriais das populações indígenas do baixo Tapajós, haja vista que temos pouquíssimos trabalhos arqueológicos nesta região.

Este trabalho está dividido da seguinte forma:

O primeiro capítulo tem como propósito apresentar o território Tupinambá, destacando os seus modos de vida e os direitos originários territoriais. Dentro deste capítulo, faço uma discussão sobre os estudos arqueológicos desenvolvidos dentro do território Tupinambá, enfatizando os estudos arqueológicos voltados para uma perspectiva indígena. O segundo capítulo apresentará as metodologias empregadas durante a pesquisa. O terceiro capítulo, trará os resultados obtidos nas entrevistas e durante a etapa de campo, que se deu em um espaço de tempo de seis meses. Além da discussão ao longo do capítulo, estes resultados estão ilustrados com fotos e tabelas, buscando-se caracterizar como se deu o processo de ocupação das aldeias de Jaca e Paraná-Pixuna. No quarto e último capítulo, faço uma discussão e as considerações finais a partir dos resultados adquiridos nas entrevistas e na etapa de campo.

CAPÍTULO I – O TERRITÓRIO TUPINAMBÁ

1.1 Introdução

Quero começar a escrita deste capítulo pedindo licença para os meus ancestrais que me antecederam e lutaram para que hoje eu esteja na universidade. Lideranças que muitas vezes deixaram suas famílias para defenderem nossos direitos e que hoje não se encontram fisicamente em nosso meio, mas temos certeza que espiritualmente estão junto do nosso povo, lutando a cada dia para que nossos direitos sejam respeitados. E, aos nossos anciões que tanto lutaram e hoje encontram-se com sua saúde fragilizada em suas casas e mesmo não podendo se locomover para outros lugares fora do território, eles fazem questão de estar presentes nas reuniões, assembleias e encontros realizados em suas aldeias.

Ao começar a escrita deste trabalho, podemos dizer que há poucos registros sobre a história do povo Tupinambá da região do baixo Tapajós, Amazônia. Pouquíssimos autores/pesquisadores escreveram sobre o nosso povo, mas nós, enquanto indígenas Tupinambá, acadêmicos da Universidade e conhecedores da nossa história, queremos mudar esse quantitativo, também queremos ocupar esse lugar de fala dentro da academia e vamos fazer uma Arqueologia Indígena Tupinambá. Uma vez que temos, uma grande universidade com saberes históricos dentro do nosso território, relacionados aos processo de formação das aldeias do povo Tupinambá, entre elas a história da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna. Histórias e lembranças que permanecem vivas nas memórias das pessoas mais velhas, descendentes dessas populações passadas e por meio de sua participação ativa no movimento social.

Neste capítulo apresento quatro tópicos para falar sobre o território Tupinambá, no primeiro faço uma breve contextualização do processo histórico de luta e resistência do Povo Tupinambá, a partir das referências bibliográficas históricas e etnográficas dos estudos realizados na região e, das histórias contadas pelas lideranças mais velhas que estiveram presentes em várias discussões por políticas públicas e direitos territoriais. No segundo tópico destaco os modos de vida do povo Tupinambá. No terceiro tópico trago o processo de luta por território fazendo uma síntese sobre o processo de demarcação e no quarto tópico faço uma discussão sobre os estudos arqueológicos desenvolvidos na T.I. Tupinambá.

1.2 Breve Histórico de Luta e Resistência do Povo Tupinambá do Baixo Tapajós

Os povos indígenas do baixo Tapajós, passam a se autoorganizar enquanto movimento indígena e a retomar a sua identidade étnica, ao final dos anos 90 (Arantes, 2020; Vaz, 2010; Zuker, 2022; Jesus, 2022). Segundo o Cacique Eládio Rodrigues, o Frei Florêncio Vaz foi uns dos principais articuladores do movimento indígena na região do Tapajós e Arapiuns, quando voltou de seus estudos, ele foi para as comunidades conversar com as pessoas sobre a identidade étnica, cultural e tradições das populações que viviam nessas comunidades. Atualmente a região do baixo Tapajós, compreende 14 povos indígenas (Apiaká, Arapiun, Arara Vermelha, Borari, Cara Preta, Jaraquí, Kumaruara, Maytapu, Munduruku, Sateré-Mawé, Tapajó, Tapuia, Tupaiú e Tupinambá), 121 aldeias, 19 territórios nos municípios de Santarém, Belterra e Aveiro.

De acordo com o meu pai, Flávio Silva Rodrigues, na virada do milênio, entre o dia 31 de dezembro de 1999 e 31 de janeiro de 2000, ocorreu o I Encontro dos Povos Indígenas, na aldeia Juarituba para a autoafirmação do povo Tupinambá do baixo Tapajós. Na ocasião estavam presentes os parentes Munduruku de Taquara, primeira aldeia indígena da região do baixo Tapajós a retomar a sua identidade étnica, a fim de discutirem a sua identidade, histórias e tradições.

Ainda em fins de 1998, aconteceu um fato marcante na história regional: o pequeno vilarejo chamado Takuara, localizado à margem direita do rio Tapajós, município de Belterra, assumiu publicamente sua identidade indígena (Vaz, 2010 p. 34).

Com outras comunidades interessadas em aderir ao movimento iniciado por Takuara, foi realizado o I Encontro dos Povos Indígenas do rio Tapajós, nos dias 31/12/1999 e 01/01/2000, na comunidade de Juarituba. O objetivo era celebrar os 500 anos de resistência indígena e reunir as comunidades para discutir o resgate da história, identidade e tradições indígenas (Vaz, 2010 p.39).

A partir desse momento, no final do século passado e início deste século, ainda na minha infância, lembro-me da Irmã Manuela, militante do Grupo Consciência Indígena (GCI), realizando trabalhos de base nas primeiras aldeias indígenas do povo Tupinambá (Jaca, Paraná-Pixuna, Juarituba, Santo Amaro, Mirixituba e Muratuba), principalmente, para o fortalecimento da identidade étnica e direitos territoriais, que devido o processo de violência da invasão e posterior colonização tiveram a sua identidade apagada por vários séculos, conforme cita Arantes (2020).

Se na atualidade, como já exposto, há 13 povos indígenas na região do Baixo Rio Tapajós, nos anos 1990, essas mesmas populações não se reconheciam perante a sociedade nacional como indígenas. Tal situação é consequência de estratégias explícitas desenvolvidas, ao longo de séculos, por representantes das classes políticas e econômicas dominantes para promover o apagamento, ainda que temporário, do reconhecimento da existência de povos indígenas no Baixo Tapajós (Arantes, 2020, p. 58)

O processo de colonização foi muito forte na região e por conta disso o meu povo foi deixando de praticar a sua cultura, tradição e os seus modos de vida, passando a ser conhecido pela sociedade como caboclos ou ribeirinhos. Por muito tempo tivemos que esconder a nossa verdadeira identidade, com medo de sermos discriminados. Mas nós sempre tivemos a consciência de que éramos indígenas “o reconhecimento e identificação enquanto indígenas por parte de grupos de pessoas e parentelas que mesmo sobre violência da colonização permanecem indígenas” (Zuker, 2022, p. 91). Tanto que os nossos antepassados foram proibidos de falar a nossa língua materna, hoje somos falantes da língua Portuguesa, o idioma do branco. Confesso que queria poder escrever este trabalho na minha língua nativa, mas estamos em processo de fortalecimento da língua Nheengatu, principalmente nas escolas, onde a língua é trabalhada com os alunos do ensino fundamental. No entanto, a língua Nheengatu não é considerada uma disciplina e os professores que ministram esta matéria, são contratados pela Secretaria de Educação de Santarém (SEMED), como instrutores, e hoje o povo Tupinambá, juntamente com os povos indígenas do baixo Tapajós estão em luta para que esta disciplina faça parte da matriz curricular da educação básica.

Desde que começaram a se assumir, os indígenas do baixo Tapajós se deram conta de que careciam de uma língua indígena. É possível que os moradores das comunidades e cidades vizinhas cobrassem deles uma língua indígena, como prova de sua identidade indígena. (...). Para superar essa lacuna da língua, os indígenas recorreram ao resgate do Nheengatu, língua do qual alguns idosos ainda dominavam palavras e frases (Vaz, 2010, p. 269).

O nosso povo apesar de ter perdido muito da nossa língua materna, mantemos uma relação com a língua Nheengatu, nossos mais velhos guardam em suas lembranças várias palavras na língua indígena, nesse momento também estamos em discussão para resgatarmos a língua Tupinambá.

E para lutar por nossos direitos, o povo Tupinambá está organizado em associações indígenas internas, cacicados e conselhos. O Conselho Indígena Tupinambá do Baixo Tapajós, Amazônia (CITUPI), fundado no dia 04 de fevereiro de 2012, é a principal entidade que representa juridicamente o povo Tupinambá e Kumaruara que vivem no território Tupinambá. O CITUPI também é responsável por organizar assembleias, encontros e reuniões territoriais para discutir as demandas do território. E, há seis anos, está na frente do maior evento político do território, o Grito Ancestral. O Grito Ancestral é um ato político em defesa do rio, da floresta, da mãe terra e das nossas vidas, que visa chamar atenção do Estado e da sociedade geral sobre os impactos socioambientais que afetam os nossos territórios e das populações que vivem na margem do rio Tapajós (Carta Ilagé Tupinambá, 2023; Jesus, 2023). Também somos representados sociopoliticamente pelo Conselho Indígena Tapajós e Arapiuns (CITA), fundado

em maio de 2000, para representar os 14 povos do Baixo Tapajós. Já em 2022 o CITA passa a representar o povo Sateré Mawé, atualmente, somos 14 povos no baixo Tapajós.

1.3 Nossos Modos de vida

O território Tupinambá apresenta uma grande diversidade de recursos naturais, onde a floresta ainda é um dos principais meios de subsistência para os moradores da região, nós vivemos da nossa cultura, crenças e dos nossos conhecimentos tradicionais. Somos grandes conhecedores do manejo da floresta, do rio e da mãe terra, que fornecem uma grande variedade de produtos naturais para alimentação, renda financeira e também para a produção de remédios tradicionais, também conhecidos na região como remédios caseiros. A nossa relação com o território, vai para além dos nossos conhecimentos ancestrais, que são passados de geração a geração. Através da floresta também podemos viver a nossa espiritualidade com os lugares sagrados e com os seres invisíveis.

Ainda sobre a economia tradicional, desde de muitos anos atrás, o povo Tupinambá, garante o seu sustento do trabalho na roça, da coleta de frutos, da caça e da pesca. Os mais velhos contam que antigamente o trabalho na roça era feito por meio de puxirum, as famílias se ajudavam para fazer os seus roçados e plantios, onde serviam bastante tarubá, uma bebida feita da mandioca. Mas hoje em dia essa prática de trabalho não é mais comum na região, as famílias roçam, derrubam e plantam suas roças sozinhas ou pagam para uma pessoa fazer o trabalho. Nas roças (Figura 2), geralmente são cultivadas mandioca, macaxeira, milho, cará, maxixe, melancia e banana.

Figura 2- Roça de mandioca na Aldeia de Jaca

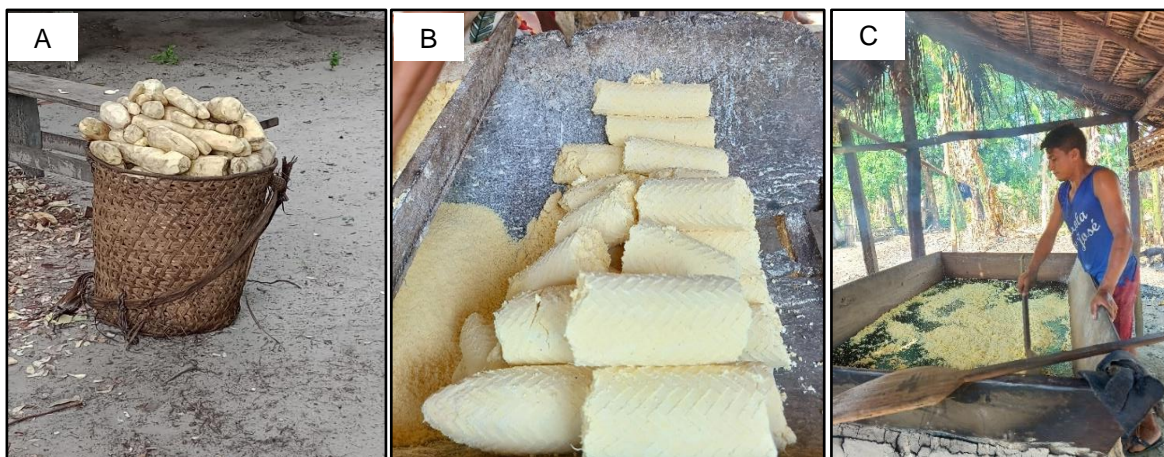


Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

O principal produto produzido da mandioca é a farinha (Figura 3), vendida na região, na cidade de Santarém, mas especialmente para o consumo das nossas famílias. Dessa forma, a

produção de farinha sempre foi uma das principais atividades responsáveis pela fonte de renda do povo Tupinambá, seguida da pesca. Mais recentemente as famílias estão enfrentando uma grande escassez de maniva no território para o plantio de suas roças, devido à crise climática que afetou a região no último ano, causando uma grande mortalidade de plantas cultivadas nas roças e nos quintais de suas casas.

Figura 3- Produção de Farinha, principal fonte de alimento e renda do povo Tupinambá.



Fonte A: Acervo Pessoal

Fonte: B e C: Elaine Pinto

Durante as visitas que fiz na T.I. Tupinambá, os mais velhos sempre contavam que alguns anos atrás, no território havia muita fartura de caça e peixes, as pessoas não precisavam ir longe de suas casas para conseguirem seus alimentos. Mas hoje em dia a caça e o peixe estão ficando cada vez mais difíceis na região, devido aos impactos socioambientais e pelas condições climáticas de emergência que estamos vivenciando nos últimos anos. E, por conta disso, os Tupinambá, têm consumido bastante alimentos industrializados que são comprados na cidade e vendidos nas aldeias, representando uma grande ameaça à segurança e soberania alimentar do nosso povo, além das doenças cardiovasculares, diabetes e hipertensão, que têm se intensificado nos últimos anos.

1.4 Quanto aos direitos territoriais

O povo Tupinambá do baixo Tapajós, vive em um território não demarcado pelo Estado. O artigo 231 da Constituição Brasileira de 1988, estabelece que “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer

respeitar todos os seus bens” (Brasil, 1988)². De acordo com este artigo, o povo Tupinambá está em processo de reivindicação de suas terras, desde o início dos anos 2000, junto a Fundação Nacional dos Índios (FUNAI) para que sejam reconhecidos 272.000 hectares de terra, tradicionalmente ocupada por nós, Tupinambá, um direito que é assegurado pela Constituição.

Mas devido o pedido de demarcação das terras indígenas ser um processo lento e em função do governo federal passado (2018 a 2022), o processo ficou paralisado por mais de quatro anos. Cansados de esperar pelo governo, em 2015, o povo Tupinambá começou a se organizar de maneira autônoma para fazer a autodemarcação de suas terras. A autodemarcação é uma estratégia no processo de luta pelo reconhecimento dos direitos territoriais dos povos indígenas, de retomadas de suas terras que continuam sendo negadas pelo Estado para garantir seus próprios territórios. Luísa Molina vê a “Autodemarcação como autodeterminação indígena: eis a potência dessa iniciativa” (Molina, 2018, p. 41). Dessa forma, o povo Tupinambá se organizou, abriu “picadas” e delimitou suas terras. Conforme Zuker, 2017.

A autodemarcação é a luta pelo território, para geri-lo de acordo com suas próprias regras e demandas; por uma forma de vida específica, em que a sua relação com a floresta e os Encantados é fundamental, e contrária as imposições de outros modos de vida, marcados pela maior centralidade do comércio e de trocas monetárias (Zuker, 2017, p. 49).

E, no final de 2022, as lideranças, em uma assembleia geral na aldeia Surucuá, criaram o "Grupo de Trabalho Memória e Território" para dar continuidade ao processo de demarcação do território, em parceria com o Conselho Indígena Tupinambá (CITUPI). O grupo de trabalho foi formado por lideranças, acadêmicos da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) e da Universidade Nacional de Brasília (UNB), eu fiz parte como estudante de Arqueologia. O principal objetivo do Grupo de trabalho foi realizar o mapeamento do território, tanto da área de rio quanto da área de terra firme, georreferenciando com o GPS (Sistema de Posicionamento Global) os lugares de pescas, os lugares sagrados, a morada dos encantados, os sítios arqueológicos e os blocos de rochas conhecidos na região como pedrais. Os pedrais são lugares significativos que ficam no rio Tapajós, em frente às aldeias, são considerados locais de reprodução para várias espécies de peixes, como por exemplo a Ilha da Ilagé (Aldeia Jacaré) e a ponta do Inajatuba (Aldeia Surucuá). No VI Grito Ancestral, realizado no dia 12 de dezembro de 2023, Flávio Silva Rodrigues, relatou que o seu pai contava que há muitos anos atrás, a Ilha da Ilagé era um local de terra firme, havia um pé de castanha-do-pará, mas ao longos dos anos

² <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>, acessado no dia 08 novembro

este lugar foi coberto pelas águas do rio Tapajós e vindo a reemergir em 2023, devido a grande estiagem do rio Tapajós. A importância de estarmos ocupando e protegendo estes lugares sagrados, que foram de nossos antepassados, são evidenciados na “Carta Ilagé Tupinambá”:

Neste ano o encontro ocorreu nas proximidades da aldeia Jacaré, em área próxima aos pedrais que representam um lugar sagrado do povo Tupinambá, onde os nossos ancestrais viviam e realizavam seus rituais e que até hoje serve como morada para os seres encantados que regem nossas terras e as águas do rio. Com as “cheias” e “secas” cada vez mais intensas, que a região amazônica tem enfrentado nos últimos anos, um local conhecido como “Ilha de Ilajes” emergiu em meio às águas do rio Tapajós tornando-se para nós um local de rituais que fortalecem a identidade Tupinambá e a identificação com o nosso território. A partir de então, ao firmarmos os nossos pés no solo deste local, temos enfrentado a ganância do agronegócio, do garimpo, da extração de madeira e de outras ações promovidas por empresas de navegação e, por vezes, contando com a inoperância - ou mesmo a conivência - das instituições governamentais brasileiras que, há tempos, vêm também negligenciando a demarcação do nosso território Tupinambá (Aldeia Jacaré, Rio Tapajós, Santarém-PA, 22 de dezembro de 2023).

Durante o mapeamento desses locais, estávamos acompanhados sempre de uma das lideranças ou de uma pessoa mais velha, pudemos perceber que cada lugar tem um nome significativo que está relacionado com os seres encantados, com os moradores antigos das aldeias e, sobretudo, com a história de cada lugar, eles que delimitam o território. Jesus (2020), em sua etnografia, fala sobre a importância do rio Tapajós para o povo Tupinambá “O rio Tapajós tem grande importância para o povo Tupinambá, não apenas pela sua alta navegabilidade e riqueza na variedade e quantidade de pescados, mas por abrigar os seres cosmológicos ordenadores do mundo Tupinambá, os Encantados do Tapajós” (Jesus, 2022, p. 39). Também foram realizadas entrevistas com as pessoas mais velhas das aldeias, sobre o processo de ocupação do território. A partir dos dados e informações coletadas, foi construído o mapa territorial e um relatório final, entregues no Ministério dos Povos Indígenas (MPI) e FUNAI, para que o pedido de demarcação fosse retomado, no mês de março de 2023. E, no mês de abril, a delegação do povo Tupinambá que participava do Acampamento Terra Livre (ATL), em Brasília, esteve reunido com a presidenta da FUNAI, a senhora Joenia Wapichana, para tratarmos sobre a importância da demarcação do território Tupinambá devido as ameaças do garimpo ilegal, agronegócio e madeireiros na região. Na ocasião foi anunciado que o processo de demarcação da Terra Indígena Tupinambá entrou em fase de Qualificação do Processo de Reivindicação, uma das principais etapas, que reúne mais dados para a construção do Grupo de Trabalho de Demarcação.

Em conversa com o Flávio Silva Rodrigues, quando questionado sobre a importância de demarcar o território, ele fala que *“é importante para se ter a garantia e o reconhecimento de uma terra indígena, que seria o ponto fundamental para garantir a nossa identidade, os*

nossos modos de vida, a nossa cultura, a nossa tradição e as nossas vidas” (Flávio Silva Rodrigues, em conversa no dia 31 de julho de 2023). Neste sentido, o território, para nós indígenas Tupinambá, significa vida, precisamos dele para sobrevivermos, por isso, nós precisamos defender e lutarmos pela demarcação de nossas terras, para que os limites estejam seguros das invasões ontológicas e das destruições ambientais. Somente com a demarcação teremos as nossas terras, os nossos conhecimentos e a nossa identidade protegida.

1.5 Contexto Arqueológico no Território Tupinambá

Historicamente a região do Tapajós, onde encontra-se o território Tupinambá, foi e é um local de moradia de diversas populações indígenas, que viveram naquela região muito antes da colonização até o presente, como podemos ver nos estudos arqueológicos realizados pela arqueóloga Denise Gomes, na comunidade de Parauá, onde hoje localiza-se a aldeia Papagaio e a aldeia São Francisco. Os vestígios das ocupações passadas encontram-se presentes na paisagem local, próximo dos rios, lagos ou nas zonas mais afastadas da margem do rio Tapajós. O mapa a seguir (Figura 4), retirado dos estudos de Denise Gomes (2003), demonstra que foram identificados 10 sítios arqueológicos no território Tupinambá, pertencentes a ocupações pré-coloniais, que a mesma os descreveu como produtores de cerâmica pertencente à Tradição Borda Incisa, que estão localizados nas proximidades dos rios Tapajós e Amorim e do Lago do Jacaré, a aproximadamente cinco quilômetros da margem do rio Tapajós, em locais que continuam sendo utilizados pelas populações (indígenas e não-indígenas) para o cultivo de suas roças.

Figura 4- Mapa dos sítios arqueológicos identificados pela arqueóloga Denise Gomes, na área da aldeia Papagaio e São Francisco.



Fonte: Gomes, 2003, p.01.

As pesquisas arqueológicas desenvolvidas por Denise Gomes (2011) mostram vários contextos e materiais arqueológicos nos pequenos aldeamentos no entorno do Lago do Jacaré. Neste sentido, a ocupação das populações indígenas e a utilização do meio ambiente no baixo Tapajós, sobretudo no território Tupinambá, deixou vários vestígios arqueológicos que hoje servem como provas de que nossos antepassados habitavam a região, desde épocas passadas,

como por exemplo, os materiais cerâmicos e as áreas terra preta, estas indicam que a região foi e é habitada por populações indígenas muito antes da colonização.

(...) o sítio Lago do Jacaré 1, situado numa área de platô, distante cerca de quinhentos metros do lago homônimo, consistiu numa aldeia de 650 metros de diâmetro, de formato circular, com a uma presença central. (...). Neste solo, foram encontrados carvões associados a fogueiras, sementes de palmeiras, relativamente poucos vestígios cerâmicos, bem como vestígios faunísticos carbonizados (uma pata de uma paca), provavelmente consumida pelos habitantes da casa. Já em áreas de grande densidade cerâmica (2.353 fragmentos por m²), com significativa variabilidade artefactual, estas estavam associadas a lixeiras. A camada de terra preta argilosa (7.5 YR 2.5/1 black), correspondente às ocupações mais tardias (datadas por volta de 1020 a.P.), tinha entre trinta e cinquenta centímetros de espessura máxima. Já as camadas solo de cor bruno (7.5YR 5/2 brown), abaixo da terra preta, estavam associadas às ocupações mais antigas (3800 a.P. e 2740 a.P.) cujos dados de densidade cerâmica sugeriram a presença de comunidades semissedentárias (Gomes, 2011 p. 276).

Nos últimos anos, acadêmicos indígenas estão tendo grande interesse em desenvolver pesquisas em nosso território, sobretudo, na área da Arqueologia. Atualmente estamos tendo os primeiros estudos iniciais, voltados para uma Arqueologia Indígena, na região. Por exemplo, o arqueólogo Tupinambá Hudson Romário Melo de Jesus, vem desenvolvendo suas pesquisas Arqueológicas, dentro da Terra Indígena Tupinambá, mais precisamente na aldeia São Francisco. Neste trabalho intitulado “*Yané Redáwa São Francisco: Arqueologia Ancestral na Terra Indígena Tupinambá, Rio Tapajós, Amazônia*”, o autor faz uma discussão sobre os materiais arqueológicos e os lugares significativos a partir de uma perspectiva indígena, como pertencente do povo Tupinambá, que corrobora o conhecimento da ancestralidade indígena na região do baixo Tapajós a partir da memória, dos diálogos com as pessoas mais velhas e da técnica da história oral. Em meio aos avanços das tecnologias utilizadas nos estudos científicos, as narrativas orais, também nos mostram que podemos obter resultados positivos em nossas pesquisas arqueológicas. “A respeito à memória indígena auxilia nas situações de campo e também na interpretação dos vestígios arqueológicos” (Jesus, 2022, p. 89).

Durante os trabalhos realizados no território para o “Grupo de Trabalho Memória e Território”, pudemos notar uma grande multiplicidade de sítios arqueológicos por toda a área do território (Figura 5), como também, nos lugares mais afastados, há aproximadamente 45 quilômetros mata adentro. Nestes locais foi possível observar evidências que estão relacionadas às populações passadas que viveram na região, são áreas de terra preta, com várias concentrações de materiais cerâmicos que afloram sobre a superfície da terra, que podem ser identificados logo ao chegar nas aldeias.

Figura 5- A: Vestígios Arqueológicos sobre a superfície na aldeia Pajurá e **B:** Material cerâmico sobre a superfície na aldeia Brinco das Moças.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Sobre algumas viagens nas aldeias indígenas do território, eu sempre perguntava para os parentes se eles conheciam “caco de cerâmica” ou se saberiam informar onde poderíamos encontrar esses materiais, eles respondiam que sim, nos levavam aos locais onde estão localizados estes vestígios ou nos mostravam algumas peças que encontraram nas áreas da aldeia, nos quintais de suas casas (Figura 6) ou em lugares mais afastados da margem do rio, áreas de terra preta também conhecidos como centros³ e guardam em suas residências. “Normalmente a identificação e/ou medição de tamanho de sítios arqueológicos em terras indígenas ocorre a partir de informações prévias creditadas aos conhecimentos locais sobre o território” (Jesus, 2022, p.89). No decorrer das visitas, nesses lugares ou no momento das conversas as pessoas, em várias falas, sempre associavam esses objetos aos nossos ancestrais que viveram na região. “Tradicionalmente, a ancestralidade Tupinambá marca a ocupação indígena no baixo Tapajós, história que reside na complexidade das relações que temos com o lugar onde moramos” (Jesus, 2020, p. 40). Mas também percebemos que estes materiais estão sendo usados no processo de (re)construção de identidade e pertencimento com o território ancestral.

³ Os centros são lugares no meio da floresta, com áreas de terra preta, utilizados pelas pessoas para fazerem seus roçados e caçar.

Figura 6- **A:** Panela de barro encontrada no quintal de moradora da aldeia Pajura e **B:** Panela de barro encontrada no quintal de uma moradora da aldeia Pajura, apresenta uma pigmentação branca com a face externa decorada.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Os locais de terra preta continuam sendo cultivados pelos Tupinambá, haja vista que essas áreas de terra preta são fáceis de identificação pela população, devido à grande quantidade de artefatos cerâmicos, por sua coloração escura relacionada à grande fertilidade para os cultivos de plantas, que garantem a sobrevivência dos moradores das aldeias, e por estarem presentes nos quintais de suas casas e nas áreas mais distantes do território. Por se tratar de uma terra fértil, os Tupinambá continuam manejando várias espécies de plantas nestas áreas, como: banana, cacau, cupuaçu, laranja, mandioca, etc. As áreas de terra preta que ficam nas áreas mais distantes das aldeias, apesar de não serem mais utilizadas para plantios, são lugares que as pessoas utilizam para caçar e fazer coletas de frutos, como a castanha-do-pará. Jesus (2022) ressalta a necessidade de se fazer uma arqueologia na região pensando na população indígena atual e na produção de cultura material do presente. Esses estudos serão essenciais para entendermos os movimentos dos povos indígenas na região durante o período colonial.

É necessário realizarmos uma arqueologia na região que não esqueça de pensar na presença indígena atual e sua produção de cultura material no presente. Devemos entender como aspectos da vida social indígena podem estar conectados com sua história, incluindo as mobilizações étnicas, ocorridas entre o fim do século XX e o século XXI. Isto também ajudaria a compreender as movimentações dos povos indígenas nesta região durante o período colonial, que ainda são uma incógnita na arqueologia Amazônica. (Jesus, 2022, p.79.).

De acordo com Gomes (2011), o sítio Jacaré I, mostra que as populações que habitavam a região no passado, já cultivam essas terras, que havia populações manejando várias espécies de plantas típicas da região, a exemplo as palmeiras. Assim como, “A cultura material observada na superfície do solo por nós na aldeia São Francisco é compreendida cosmologicamente como uma manifestação material da atividade humana no passado, nossa ancestralidade cultural” (Jesus, 2022, p.156). Como podemos ver, as pesquisas arqueológicas já desenvolvidas em nosso território, não são suficientes, ainda temos muito a ser explicado sobre os nossos antepassados para o nosso povo Tupinambá. Nas entrevistas realizadas com Oneide de Melo Vieira, ela fala que:

Na Terra Preta, ali do Santo Amaro sempre encontro, quando vou na casa da minha filha, ela me mostra e eu falo, isso é tudo trabalho dos antigos, que moraram por aqui, panela de barro daquelas pequenas (Oneide de Melo Vieira em entrevista, realizada no dia 19 de agosto de 2023).

A partir das informações levantadas até o momento podemos dizer que os sinais das ocupações passadas que povoaram a região estão ligadas aos nossos antepassados, que viveram há muitos anos atrás e que podem responder inúmeras questões referentes aos grupos pré-coloniais, sobretudo, em relação a expansão territorial, a cultura material e aos padrões de assentamento. Haja vista que, no território Tupinambá podemos encontrar uma grande diversidade de formas e tamanhos de materiais cerâmicos que precisam ser estudados detalhadamente.

CAPÍTULO II - METODOLOGIA

A primeira etapa deste trabalho, deu-se por meio de revisão bibliográfica sobre os estudos realizados na região do baixo Tapajós, sobretudo, com o povo Tupinambá tanto pesquisas antropológicas quanto arqueológicas. Tais informações foram coletadas através da internet em sites de referências acadêmicas (Google Acadêmico e Academia.edu), indicações da minha orientadora e co-orientadora, referências bibliográficas que foram trabalhadas na Formação Básica Indígena (FBI) e no Projeto de Extensão (PIBEX) “*As lutas por territórios: as autodemarcações no Tapajós e Arapiuns*” que me nortearam na construção desse trabalho.

A segunda etapa do trabalho, foi através do contato com as lideranças Cacique Eládio Rodrigues (Aldeia de Jaca) e Cacique Darlin Sarmiento (Paraná-Pixuna) para a realização dos estudos, onde recebemos total apoio para que a pesquisa fosse realizada. Logo em seguida, o trabalho foi apresentado em uma reunião para as demais lideranças da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna. Nesta ocasião foram entregues cópias do projeto de pesquisa e feito o pedido de apoio para as lideranças nos acompanharem na etapa de campo. Também enviamos uma cópia do projeto para o Conselho Indígena Tupinambá (CITUPI), solicitando autorização para esta pesquisa. Em seguida, fui convidada para apresentar o projeto de pesquisa no Conselho de Lideranças do Território, na aldeia Muratuba, no mês de dezembro de 2022.

Esta pesquisa também segue uma abordagem qualitativa. A abordagem qualitativa nos ajuda a compreender os fatos adquiridos através das narrativas, procurando entender as características e experiências individuais e coletivas de vários grupos sociais. “Nesse método de pesquisa a preocupação do pesquisador é com o significado, com a maneira própria com que as pessoas veem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cerca” (Teis e Teis, 2006, p.4). A partir dessa perspectiva, a pesquisa qualitativa busca reunir dados descritivos, como as entrevistas e observações que também colabora nos estudos etnoarqueológicos e etnográficos. Dessa forma, o estudo traz dados coletados com os membros e lideranças da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna, a fim de compreendermos o processo de ocupação local e as suas relações com os materiais arqueológicos.

Na terceira etapa do trabalho, desenhamos um mapa memorial aldeia de Jaca e um mapa memorial participativo da aldeia Paraná-Pixuna, a partir das minhas memórias, vivências e observações das últimas viagens que fiz no território. O mapa memorial participativo da aldeia Paraná-Pixuna contou com a participação da minha prima Patrícia Mota Rodrigues e Tioilson Sarmiento. Este desenho não segue uma escala precisa, é um mapa dos locais que estão vivos nas minhas lembranças como sendo importantes para as aldeias e que nos ajudaram no

caminhamento na etapa de campo. Quando estivemos em campo levamos os etnomapas e apresentamos para as lideranças (Figura 7) a fim de sabermos se havia semelhanças com as aldeias.

Figura 7- A e B: Apresentação dos etnomapas para o Cacique Eládio Rodrigues e Cacique Tiago de Melo Sarmento.



Fonte: Elaine Pinto, 2023.

Na quarta etapa do trabalho, realizamos entrevistas semiestruturadas com os moradores mais velhos da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna, durante os meses de julho e agosto de 2023, em forma de conversas em suas residências. Este método também foi utilizado pela arqueóloga Ana Carolina Sousa da Silva (2018) em sua pesquisa de campo para o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “*De mãe pra filhos: transmissão de conhecimento e (re)apropriação do passado arqueológico*”. As entrevistas foram aplicadas por meio de um questionário, elaborado no mês de abril de 2023. As perguntas foram pensadas a partir do meu conhecimento, adquirido na universidade com apoio da minha orientadora Professora Camila Pereira Jácome. O questionário foi aplicado com as pessoas mais idosas, entre 58 e 76 anos de idade, residentes e domiciliadas nas aldeias de Jaca e Paraná-Pixuna. Os dados foram coletados por meio de entrevistas individuais com os moradores mais velhos das aldeias, em suas residências. Os interlocutores da aldeia de Jaca, nesta etapa, foram as seguintes pessoas: Cacique Eládio Rodrigues, Anezina Rodrigues, Tadeu Melo Sarmento. Em Paraná-Pixuna, os

informantes foram as seguintes pessoas: Cacique Tiago de Melo Sarmento, Majé⁴ Ester dos Santos Oliveira e seu Tomé Sarmento dos Santos. Também conversamos com Flávio Silva Rodrigues, meu pai e antigo morador da aldeia de Jaca (Apêndice A).

Vale ressaltar que os participantes das entrevistas são pessoas da minha família, assim como pessoas que eu conheço desde a minha infância. Posso dizer que, como se trata de pessoas conhecidas, elas se sentiram à vontade no momento da conversa. O que é difícil acontecer quando uma pessoa estranha, de fora do território, faz esse trabalho, geralmente eles (as) falam e passam as informações com menos detalhes.

Utilizamos o termo de consentimento, onde o (a) entrevistado (a) assinava autorizando a sua participação na pesquisa. Não houve desistência das pessoas que foram mapeadas para participarem das entrevistas/conversas, todas consideram o trabalho importante para as aldeias e território. Apesar de termos um questionário com perguntas que nos direcionaram, eu fazia questão de enfatizar para os interlocutores que eles poderiam ficar à vontade para falar sobre as suas histórias de vida e suas trajetórias no movimento social. Para mim, todas as conversas que eu tive com os colaboradores (as) são importantes, são relatos que não estão escritos em livros, revistas, jornais e não estão publicados na internet, mas estão guardados nas memórias das pessoas mais velhas. E para a nossa segurança, em especial do trabalho, pedimos autorização dos participantes para as conversas serem gravadas e logo depois transcritas para o caderno de campo (Figura 8). Nessa etapa tivemos todo o cuidado em falar com as pessoas com um vocabulário local, como “caco de cerâmica, pedaço de panela de barro, cabeça de bicho ou machado de índio” para nos referirmos aos materiais arqueológicos. Pois, é importante que nós, enquanto pesquisadores, fiquemos atentos às nossas falas quando forem direcionadas às populações indígenas, comunidades quilombolas e comunidades tradicionais, pois, nem todas as pessoas são obrigadas a conhecer ou se comunicar com os termos técnicos que aprendemos dentro da universidade. É nossa obrigação aprendermos a nos comunicar com o nosso povo. E eu tive a experiência quando participei do “Grupo de Trabalho do Território”, quando eu perguntei se eles sabiam onde podíamos encontrar materiais cerâmicos, e uma senhora me perguntou “o que é cerâmica?”. E foi nesse momento que tive plena convicção que naquele momento, eu não tinha a necessidade de usar os termos que aprendi na universidade, mas os termos que eu sempre ouvi essas pessoas falarem para se referirem a esses materiais durante

⁴ Majé é a figura feminina responsável pela realização dos rituais de cura através dos cantos, da medicina tradicional e da pajelança.

- Para você, quem confeccionava estes materiais? Eram os indígenas ou foram outras pessoas?
- Você cultiva plantas nas terras pretas? Quais tipos de plantas?
- Em que ano foi fundada a aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna?
- Quem foram os primeiros moradores da aldeia?
- Onde eram as casas dos primeiros moradores?
- Com relação às colônias ou cabeceiras antigas, você sabe onde estão localizadas? Ainda tem pessoas que trabalham nesses locais?

No momento das entrevistas, eu apresentava novamente o trabalho, explicando os principais motivos do estudo, sempre ressaltando a importância das pessoas estarem participando do trabalho e solicitando a colaboração para identificarmos os sítios arqueológicos e os lugares considerados importantes para registrarmos neste trabalho. Após a realização das entrevistas, fizemos as transcrições das entrevistas para darmos início a escrita do trabalho e para identificar os sítios arqueológicos e do lugares históricos que seriam georreferenciados a partir das informações orais, conforme serão descritas no decorrer do trabalho.

Na quinta etapa deste trabalho, foi realizada a pesquisa de campo, onde realizamos o mapeamento colaborativo com as lideranças das aldeias, com o apoio do GPS, registros fotográficos, bússola e escala. Nessa etapa pude contar com o apoio da minha co-orientadora Anne Rapp Py-Daniel e da minha amiga Elaine dos Santos Pinto, formada em Arqueologia pela UFOPA. Os pontos coletados por meio do GPS foram utilizados na construção de mapas. Também foi preenchida uma ficha de campo (Apêndice B) para que sejam realizados os cadastros dos sítios arqueológicos e históricos da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna, junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

CAPÍTULO III – RESULTADOS

3.1 Introdução

Espero que este estudo possa contribuir para o fortalecimento da identidade territorial das pessoas com as paisagens do presente e do passado. Estes são lugares em que nosso povo vive há muito tempo, o processo de colonização, com sua violência e expropriação territorial, tentou apagar nossa presença e nos negar nosso território. Por isso nesta pesquisa pretendemos contribuir com a valorização desses laços de pertencimento do povo Tupinambá com o território e com os vestígios arqueológicos. A aldeia Paraná-Pixuna está em continuação da aldeia de Jaca (Figura 9), ambas localizadas na margem esquerda do baixo rio Tapajós, município de Santarém/Pará. Elas apresentam diferenças e semelhanças nos contextos relacionados ao processo de ocupação pré-colonial e histórico. Esses elementos provam que o lugar onde vivemos é uma terra indígena ancestral, uma terra Tupinambá.

Figura 9- Mapa de localização da área de estudo, aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna.



Fonte: Ronald Azulay, 2023.

Este capítulo está organizado em quatro tópicos, onde será apresentada uma síntese dos principais resultados obtidos por meio das entrevistas e da etapa de campo com os membros da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna. Nos dois primeiros itens apresento a história da aldeia de

Jaca e Paraná-Pixuna, desde a sua fundação até os dias atuais, contando quem foram os primeiros moradores destes lugares e a sua autonomia enquanto comunidade e logo depois como aldeia indígena. No terceiro item apresento os lugares georreferenciados no mapeamento colaborativo das duas aldeias. No quarto item destaco as mudanças que aconteceram ao longo dos anos nestes locais, a partir do momento que começaram a se organizar politicamente, assim como as transformações que vem acontecendo na paisagem.

3.2 História e Memória da Aldeia de Jaca

Através das entrevistas e da memória dos moradores mais velhos podemos entender como se deu o processo de formação da aldeia de Jaca, também tive acesso a um registro escrito por meu pai Flávio Silva Rodrigues, que fez um breve histórico sobre a aldeia de Jaca (anexo 1), antes de se mudar para outra comunidade.

Com base nas entrevistas realizadas com Anezina Rodrigues, Cacique Eládio Rodrigues e Flávio Silva Rodrigues, sabemos que aproximadamente por volta de 1909, seus avós, Tomas José Rodrigues e sua esposa Vitalina Ribeiro chegaram em Jaca, onde fixaram residência e viveram até os últimos dias de sua vida. Eles foram os primeiros moradores de Jaca, que naquela época era considerada uma localidade. Tomas José Rodrigues e Vitalina Ribeiro, tiveram 07 filhos, que quando cresceram foram embora para outros lugares, somente Davino José Rodrigues, permaneceu em Jaca. Depois de alguns anos retornaram para o Jaca, Antônio Rodrigues e Santilde Rodrigues, irmãos de Davino José Rodrigues. Meu pai, conta que naquela oportunidade, na localidade de Jaca, encontrava-se apenas a família de Tomas José Rodrigues, segundo os dizeres de seu pai Davino José Rodrigues.

O meu pai, Flávio Silva Rodrigues, conta que seu pai falava que em 1915, fixou residência na localidade de Jaca, Minervina de Sousa, mas ele não a conheceu, quando nasceu ela já era falecida. Davino José Rodrigues, nos seus 25 anos de idade, casou-se com Eponina Vieira da Silva, nativa da comunidade de Parauá e desse casamento tiveram sete filhos: Mirta Rodrigues, Oneide Rodrigues, Inácio Azamor Rodrigues, Catarina Rodrigues, Flávio Silva Rodrigues, Anezina Rodrigues e Eládio Rodrigues.

Em 1959, Santilde Rodrigues e seu esposo Marciano Miranda, nativo da comunidade de Parauá retornaram para o Jaca e fixaram residência. Juntos o casal teve cinco filhos, Laurival Miranda, Nezito Miranda, Antônio Miranda, Aziel Miranda e Edil Miranda. Atualmente não encontra-se nenhum descendente vivo da família de Santilde Rodrigues em Jaca. Aziel Miranda, juntamente com sua esposa, seus filhos e seu irmão Lourival, mudaram-se para a

comunidade de Parauá, em 2002, onde vivem até hoje. Enquanto que Nezito, Antônio e Edil já são falecidos e estão sepultados no cemitério Santa Cruz, que fica na aldeia de Jaca. Lourival também é falecido e está enterrado no cemitério da comunidade de Parauá.

Em 1965, Antônio Rodrigues, irmão de Davino José Rodrigues, que morava na comunidade de Tucumatuba, juntamente com sua esposa Viviana Gama e seus filhos, Ademar Gama (falecido) e Nino Gama, voltaram para o Jaca, onde viveram até o fim de suas vidas. Logo após seu pai falecer, Nino Gama voltou para Tucumatuba, onde vive com sua família.

Segundo o meu pai, depois de 1970, os filhos de Davino José Rodrigues e Eponina Vieira da Silva já estavam todos adultos, eles casaram, formaram suas famílias e foram construindo suas casas. E assim foi crescendo a família de Davino e a localidade de Jaca.

De acordo com as falas dos interlocutores deste trabalho, em 1970, chegou mais uma família no Jaca, a família de Magno Melo e Salustiana Caetano. De acordo com os dizeres de Oneide de Melo Vieira, os seus pais moravam em Paraná-Pixuna, mas depois de alguns anos foram até o Jaca e pediram uma área de terra para o Davino José Rodrigues e mudaram-se para o Jaca, onde viveram até os últimos dias de suas vidas. Magno Melo, era filho de Paraná-Pixuna e Salustiana Caetano, era filha da Enseada do Amorim. Eles tiveram 07 filhos: Oneide de Melo Vieira, Olivete de Melo Vieira, Hortência de Melo Vieira, Francinete de Melo Vieira, Marivaldo de Melo Vieira, José Raimundo de Melo Vieira e Valdenilson de Melo Vieira. Mas somente Oneide, Marivaldo e José Raimundo construíram residência em Jaca. Recentemente, depois de passar vários anos morando em outro lugar, Olivete voltou para o Jaca, onde está morando atualmente.

A partir dos dizeres do meu pai, do Cacique Eládio Rodrigues, da Nezina Rodrigues e do seu esposo Tadeu Melo Sarmiento, entre os anos de 1980 e 1983, os moradores de Jaca começaram a se autoorganizar no movimento social a partir da necessidade das famílias, pois, não tinham nenhuma organização social local. De acordo com Anezina Rodrigues, *“Jaca era considerado uma localidade, as famílias que residiam neste local participavam das organizações e da catequese na comunidade de Jaurituba”* (Comunicação, no dia 19 de fevereiro de 2023).

Segundo o meu pai Flávio Rodrigues e o Cacique Eládio Rodrigues, em 1988, a localidade de Jaca tornou-se “comunidade”. Os moradores construíram uma capela, coberta de palha e cercada de barro; um barracão comunitário, coberto de palha e cercado com ripa; um campo de futebol; e uma delegacia sindical do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém

(STTR). Em seguida, viajaram para a cidade de Santarém para ter a igreja católica local reconhecida na Diocese de Santarém, e cadastraram a delegacia sindical no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém (STTR). Assim, “o Jaca” foi crescendo e os seus moradores entraram em luta pela defesa de seus direitos. No final dos anos 90, Jaca, juntamente com as demais comunidades do Baixo Tapajós começaram a retomar a sua identidade étnica. No início dos anos 2000, depois de serem realizadas várias entrevistas pela antropóloga Edwirges Ioris com as pessoas que viviam neste local, a comunidade de Jaca se autoafirmou como uma aldeia indígena.

Em 1998, nós passamos a ser aldeia reconhecida, daí pra cá a gente foi afirmando que somos um povo, as organizações começaram a dar seguimento a nível regional e municipal. Criamos representação jurídica, o CITA. Mas falando de Jaca, se juntamos a outras aldeias e autoreconhecemos a nossa identidade étnica. Nos unimos a outros povos desse beiradão chamado de baixo Tapajós, como povo Tupinambá. E assim começou a nossa organização no movimento indígena na região, no final dos anos 90 (Cacique Eládio Rodrigues em entrevista, realizada no dia 19 de agosto de 2023).

Ele também diz que:

Ninguém virou indígena, porque se você não é, você não vira. Nós somos indígenas, aqui nós vivemos a nossa cultura, nossa tradição e a nossa identidade. Essas são as nossas marcas que garantem o nosso reconhecimento indígena. Ainda temos muitas pessoas na região que não se assumem. Outro dia eu estava falando aqui ninguém é filho de estrangeiro, somos filhos da região, somos indígenas. Mas a cada dia que passa, elas vão encontrando com suas raízes e entendendo que também são indígenas (Cacique Eládio Rodrigues em entrevista, realizada no dia 19 de agosto de 2023).

De acordo com o Cacique Eládio Rodrigues, atualmente, vivem dezessete famílias na aldeia de Jaca. Hoje, também, a aldeia conta com famílias que vieram de outras aldeias do território Tupinambá, da cidade de Santarém e de outros estados brasileiros. Mas também temos pessoas que nasceram no Jaca e foram embora para outros lugares, mas que estão retornando para seu lugar de origem.

Neste sentido, é importante se dizer que dentro do território Tupinambá, existem questões relacionadas a mobilidade das pessoas, os deslocamentos entre aldeias/comunidades/cidades que vem acontecendo desde os nossos antepassados, até fixarem suas residências nas aldeias onde residem os seus descendentes atualmente, estão relacionadas às relações sociais dentro do território. Dentro desse processo, o deslocamento está relacionado, principalmente, à mudança de endereço das pessoas para outros lugares do território ou para as áreas urbanas, em especial, a cidade de Santarém por um determinado período de tempo ou de forma permanente. Nos diálogos que tivemos com os colaboradores deste trabalho, ouvimos vários relatos sobre as razões que levaram as pessoas a realizarem esses deslocamentos, que estão associados ao trabalho, à família, à educação, à saúde e à qualidade de vida. Neste sentido

é muito importante que os estudos arqueológicos considerem esses movimentos dentro do território quando fomos trabalhar os processos de ocupação e levar em consideração que estas pessoas sempre estiveram em mobilidade geográfica na região, assim como a circulação de bens entre as aldeias/comunidades.

3.3 Memória e História da Aldeia Paraná-Pixuna

De acordo com os interlocutores, Cacique Tiago de Melo Sarmiento, Majé Ester dos Santos Oliveira e Tomé Sarmiento dos Santos, os primeiros moradores a fixar residência em Paraná-Pixuna, foram o casal Damiana Caetano e Manoel Espídio Sarmiento e Fidelis. Em conversa com Tomé Sarmiento dos Santos, no dia 19 de fevereiro de 2023, ele falou que seus avós Damiana Caetano e Manoel Espídio Sarmiento, tiveram oito filhos, sendo eles: Crispim Sarmiento, Bonifácio Sarmiento, João Sarmiento, Bruno Sarmiento, Damiana Sarmiento (Iaiá), Domingos Sarmiento, Palmira Sarmiento e Lázaro Sarmiento. Os anos foram passando e os filhos do casal cresceram, casaram e formaram suas famílias e começaram a ocupar os espaços dentro da área do Paraná-Pixuna. Depois de alguns anos vieram Damiana Sarmiento e Idácio, Palmira e Aureliano, Eloi e Hilda, Bruno e Madalena. Todos já falecidos. De acordo com os relatos dos moradores mais velhos da aldeia, Paraná-Pixuna significa “água preta” na língua indígena.

Continuando a conversa com Tomé Sarmiento dos Santos, quando questionado sobre a sua família, ele contou que sua mãe Palmira nasceu em Paraná-Pixuna e seu pai Aureliano, era natural da comunidade de Maraio, localizada hoje na Flona do Tapajós, tiveram sete filhos: Salustiano Sarmiento dos Santos, Tomé Sarmiento dos Santos, Gorete Sarmiento dos Santos, Orlete Sarmiento dos Santos, Luzia Sarmiento dos Santos, Fátima Sarmiento dos Santos e Francisco Sarmiento dos Santos.

Também em conversa com o Cacique Tiago de Melo Sarmiento, no dia 19 de fevereiro de 2023, ele relatou que seus pais, Maria Madalena do Carmo, filha de Paraná-Pixuna e, Bruno José Sarmiento, tiveram cinco filhos: Tadeu Melo Sarmiento, Olívia Melo Sarmiento, João Melo Sarmiento, Tiago de Melo Sarmiento e Maria Madalena Melo Sarmiento. Em conversa com meu pai no dia 03 de novembro de 2023, ele me contou que Maria Madalena do Carmo, era filha de Borges Melo e Claudina, que moravam do outro lado do lago do Paraná-Pixuna, mas que antigamente era considerado área de Paraná-Pixuna e que hoje faz parte da aldeia de Jatequara.

De acordo com o escritor Elísio Édén Cohen (2011), também residiram em Paraná-Pixuna, a família de Manoel Soares. Logo depois, vieram residir no local, Raimundo Faustino e Pedro Oliveira e suas famílias que povoaram o lugar. Mas essas pessoas não foram citadas

nas entrevistas pelos interlocutores, eles não têm lembranças, por várias vezes pediram para eu conversar com meu pai, pois, ele poderia saber sobre algumas informações, principalmente, com a data de fundação da comunidade.

Em conversa com o meu pai, no dia 13 de outubro de 2023, ele contou que em uma área de baixa entre Jaca e Paraná-Pixuna, residiu uma pessoa chamada Fidélis, mas hoje os moradores de Jaca e Paraná-Pixuna não têm acesso a este lugar porque o primeiro caminho que ligava as duas aldeias e passava pela frente do local de sua casa foi abandonado.

Logo depois os filhos dos casais Palmira Sarmiento e Aureliano, Bruno Sarmiento e Maria Madalena, casaram, formaram suas famílias e fixaram residência em seu local de origem. Enquanto, outras pessoas casaram e foram morar em outros lugares da região. Atualmente, a aldeia de Paraná-Pixuna continua sendo formada pela família Sarmiento, tendo como moradores mais velhos o Cacique Tiago de Melo Sarmiento e Tomé Sarmiento dos Santos. Os interlocutores, falaram que a aldeia hoje em dia é formada por uma nova geração, sobrinhos (as) e netos (as), bisnetos (as) tanto da família de Palmira Sarmiento quanto da família de Bruno Sarmiento.

Meu pai era nativo daqui do Paraná-Pixuna, minha mãe também. Finada Damiana, era a mãe do meu pai, morava aqui onde nós estamos morando, aqui ela morreu, nunca saiu daqui desse lugar. Então, desde quando eu nasci, hoje estou com 62 anos, eu nunca sair daqui com minha família, nós não vamos deixar o que é nosso, aqui nós trabalha, tem roçado, vivemos nossa cultura e nós precisamos muito dessa terra para sobreviver. (Cacique Tiago de Melo Sarmiento em entrevista, realizada no dia 18 de agosto de 2023).

Cacique Tiago de Melo Sarmiento e Tomé Sarmiento dos Santos relataram que antigamente Paraná-Pixuna, assim como Jaca, era considerado uma localidade, participava das organizações sociais em Jaurituba, entre 1970 e 1980, as famílias começaram a se organizar coletivamente para formarem a sua comunidade, em conjunto com Jaca e Jatequara e construíram o barracão comunitário, o campo de futebol, a escola e a igreja em um local chamado pelos primeiros moradores de Cumarú, do outro lado do lago do Paraná-Pixuna, mas não deu certo e resolveram formar suas próprias comunidades.

O Paraná-Pixuna, era do Jatequara ao Jaca, há muitos anos atrás. Como nós se organizamos para cada uma ter sua comunidade e sua própria organização, hoje somos aldeias individuais. Quando eu me entendi aqui já era Paraná-Pixuna, o meu pai foi coordenador da comunidade, fizeram a comunidade ali no Jatequara. Lá era chamado de Cumarú. Depois começamos a nos organizar socialmente aqui onde é o Paraná-Pixuna, com coordenador de comunidade, catequista, construímos igreja, barracão comunitário e campo de futebol. Temos escola e os jovens estão se formando. Também temos vários jovens com famílias, eles vão casando, fazendo seu barraco, e assim vai multiplicando as famílias na aldeia e hoje nós estamos com 22 famílias na aldeia (Cacique Tiago de Melo Sarmiento em entrevista, realizada no dia 18 de agosto de 2023).

Com base nas informações dos interlocutores, em 1995, Paraná-Pixuna passou a ser comunidade, quando construíram a igreja, o barracão comunitário, o campo de futebol e a escola. E no final dos anos 90, se juntou às demais comunidades da região e se autoafirmou como uma aldeia indígena. Vale ressaltar que as estruturas construídas nesses locais para serem reconhecidos como comunidade são sempre as mesmas. Em várias aldeias do Território Tupinambá, quando conversamos com as lideranças, observa-se que essas estruturas eram essenciais para a formação de uma comunidade, sobretudo, a construção de igrejas católicas com uma imagem de santo, os santos são festejados em várias épocas do ano. Assim como, as estruturas sociais que são necessárias para a organização social de cada aldeia, onde as pessoas assumem funções importantes para representar esses grupos sociais. (Figura 10).

Figura 10- Lideranças indígenas da aldeia de Jaca, e Paraná-Pixuna, participando de uma oficina sobre Ancestralidade na aldeia de Jaca, promovida pelo Comitê de Memória, Identidade e Território (CMIT), em parceria com o CITUPI.



Fonte: Felipe Pereira de Sousa

3.4 Mapeamento Colaborativo

Neste tópico, apresento os resultados adquiridos através do mapeamento colaborativo, realizado nas aldeias de Paraná-Pixuna e aldeia de Jaca a partir das nossas lembranças e do meu conhecimento, enquanto estudante de arqueologia e nascida em Jaca, para identificar os vestígios arqueológicos na área de terra preta, situada na aldeia de Paraná-Pixuna e fazer uma análise do Cemitério Santa Cruz, situado na aldeia de Jaca. Assim, como nas demais etapas para a construção deste trabalho, também apresento neste item o conhecimento tradicional dos moradores mais velhos das aldeias, principalmente, do segundo Cacique Tiago Sarmiento, da Majé Ester e do Cacique Eládio, que nos ajudaram a identificar os locais das casas dos primeiros moradores e os lugares significativos de Paraná-Pixuna e Jaca.

No dia 29 de setembro de 2023, saímos de Santarém, no Barco Motor Rio Tapajós que faz viagem para a região, para realizarmos a pesquisa de campo na aldeia Jaca e Paraná-Pixuna, chegamos por volta das 6:00 horas da manhã do dia seguinte. Ao chegarmos na aldeia de Jaca, falamos com o Cacique Eládio Rodrigues que estávamos na aldeia para realizarmos o mapeamento da área de estudo, partindo das entrevistas e dos locais que eles consideravam mais importantes para este trabalho.

Como a pesquisa estava sendo desenvolvida em duas aldeias, decidimos que no dia 30 de setembro de 2023, seria realizado o georreferenciamento da aldeia Paraná-Pixuna e, no dia 01 de outubro de 2023, seria realizado o mapeamento da aldeia de Jaca. Após uma conversa, por volta das 8:00 horas da manhã, saímos caminhando da aldeia de Jaca até a aldeia Paraná-Pixuna, a aproximadamente 25 minutos de distância, onde fomos recebidos na casa da família do cacique da aldeia, o Cacique Darlin Sarmiento, que no momento encontrava-se torrando farinha e pediu para o Cacique Tiago Melo Sarmiento e a Majé Ester dos Santos Oliveira nos guiarem durante o trabalho de campo. Também estava em nossa companhia o Cacique Eládio Rodrigues (Figura 11).

Figura 11- Equipe no local do mapeamento colaborativo na aldeia Paraná-Pixuna, em setembro de 2023.



Fonte: Elaine Pinto, 2023.

Nesse primeiro dia de trabalho, georreferenciamos o caminho antigo que ligava a aldeia de Jaca a Paraná-Pixuna, o limite entre as duas aldeias, os lugares das casas antigas dos primeiros moradores, as casas dos moradores mais velhos da aldeia, a área de terra preta, as plantas mais antigas e o lago. Podemos considerar que todos os locais georreferenciados na etapa de campo (Tabela 1 e 2) são importantes para a aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna, mas como foram coletados vários pontos, decidimos trabalhar detalhadamente com os lugares considerados mais relevantes para esta pesquisa, para entendermos a história e o processo ocupacional das aldeias ao longo da sua história. Como o nosso tempo era limitado, a professora Anne, marcava os pontos com o GPS, Elaine ficou responsável pelos registros fotográficos e eu fiz as anotações, assim como o trabalho de observação dos lugares.

Tabela 1- Lugares Georreferenciados na Aldeia de Jaca.

Nº	Lugares
01	Antiga Cabeceira do Aziel
02	Antiga Cabeceira do Eládio
03	Antiga Cabeceira do Flávio
04	Antigo Campo de Futebol
05	Caminho Antigo do Jaca
06	Caminho Antigo Fim
07	Caminho Novo da Aldeia
08	Casa do Cacique Eládio
09	Casa do Magno
10	Casa do Edil Miranda
11	Cemitério do Jaca
12	Escola Menino Jesus
13	Início do Cemitério
14	Limite do Cemitério e da Aldeia de Jaca
15	Lugar da Antiga Casa do Antônio Rodrigues
16	Lugar da Antiga Casa da Eponina e Davino
17	Lugar da Antiga Casa do Flávio
18	Lugar da Antiga Casa da Santilde e Marciano
19	Lugar da Antiga Igreja
20	Mangueira Planta da Eponina
21	Ramal do Raimundo
22	Tumulo do Tomas José Rodrigues
23	Tumulo do Davino José Rodrigues

Fonte: Autora, 2023.

Tabela 2- Lugares Georreferenciados na Aldeia Paraná-Pixuna.

Nº	Lugares
01	Área da Morada da Curupira – Samaúma
02	Árvore de Paricá
03	Casa do seu Tome
04	Casa do Cacique Tiago
05	Concentração de Cerâmica I
06	Concentração de Cerâmica II
07	Concentração de Cerâmica III
08	Concentração de Cerâmica IV
09	Concentração de Cerâmica Castanha Sapucaia
10	Caminho Antigo Fim
11	Divisa do Terreno Eloí
12	Escola São Sebastião
13	Lago do Paraná-Pixuna
14	Limite da Terra Preta - Castanha Sapucaia
15	Limite da Terra Preta - Próximo do Lago
16	Limite Territorial do Jaca e Paraná-Pixuna – Pau do Patauí
17	Lugar da Antiga Casa do Bruno e Madelena
18	Lugar da Antiga Casa do Damiana e Idácio
19	Lugar da Antiga Casa do Elói e Hilda
20	Lugar da Antiga Casa da Palmira e Aureliano
21	Lugar da Antiga Igreja
22	Seringal do Elói
23	Terra Preta Paraná-Pixuna
24	Taperebá Centenário

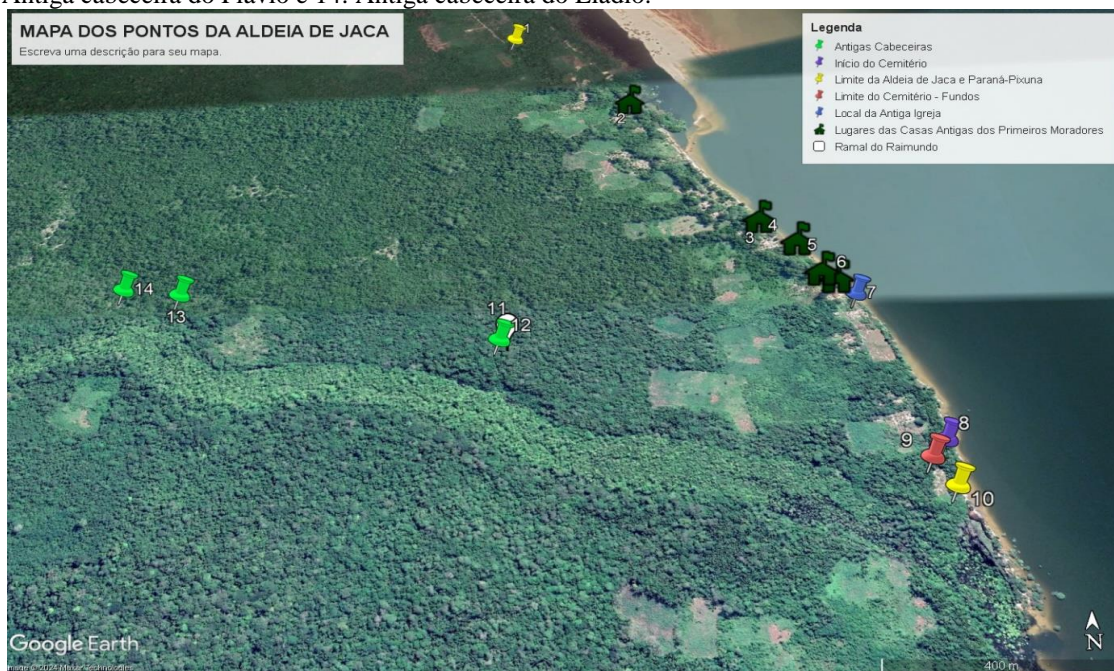
Fonte: Autora, 2023.

No dia 01 de outubro de 2023, realizamos o mapeamento da área da aldeia de Jaca, coletando os pontos identificados no mapa memorial, nas entrevistas e dos espaços considerados representativos para os moradores das aldeias. O trabalho de campo foi acompanhado pelo Cacique Eládio Rodrigues, que nos guiou aos locais das antigas casas dos primeiros moradores, no cemitério, nas cabeceiras antigas e no limite entre a aldeia de Jaca e a

comunidade de São Tomé. Ao longo do trajeto, ele nos deu vários depoimentos importantes sobre o processo de formação histórica de Jaca. São relatos que somente as pessoas mais velhas têm conhecimento, mas que ficarão registrados neste trabalho para que as futuras gerações tenham conhecimento sobre a história do nosso lugar. O mapeamento colaborativo georreferenciou 24 pontos na aldeia de Jaca (Tabela 1) e 23 pontos na aldeia Paraná-Pixuna (Tabela 2). Os lugares significativos, lugares históricos e sítios arqueológicos estão situados nas áreas onde estão inseridas as duas aldeias. Visto o histórico de violência contra lideranças do Estado do Pará, por motivo de segurança e por se tratar de um território que está em processo de demarcao do território, decidimos não colocar as coordenadas dos pontos mapeados no TCC.

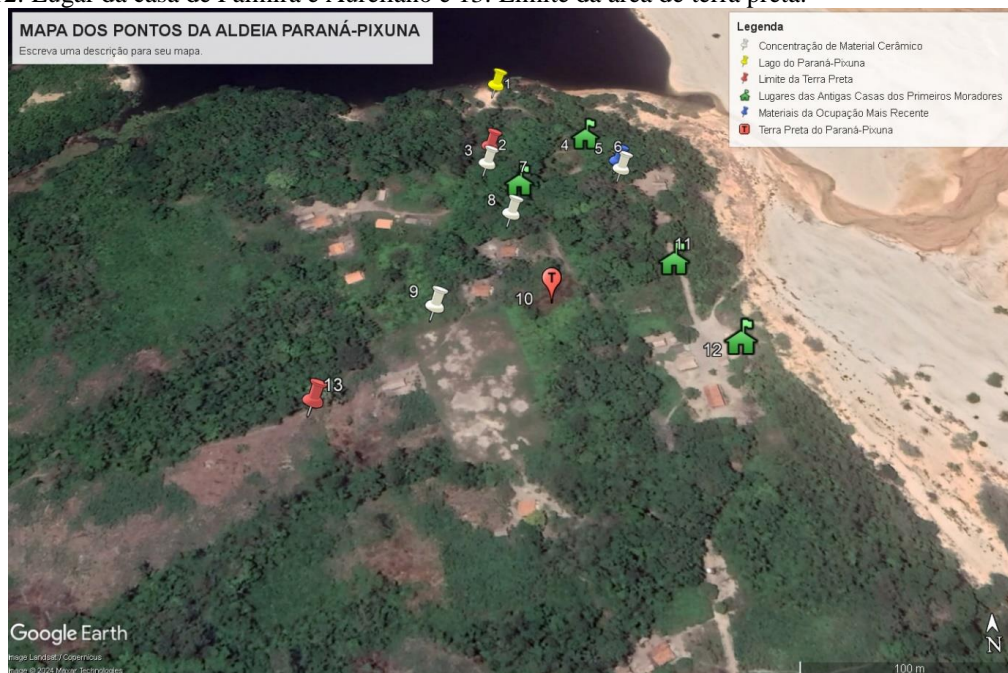
Posso afirmar, como filha deste lugar, que o trabalho de campo teve resultados positivos, as lideranças relataram as suas histórias de luta pela preservao de suas terras, nos levaram aos lugares que tenho certeza que para eles é sagrado, abriram as portas de suas casas, nos receberam e nos deixaram conhecer as suas histórias. Nas figuras a seguir 12 e 13, demonstro os pontos mais relevantes da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna, que serão descritos neste trabalho.

Figura 12- Imagem de satélite dos pontos georreferenciados na aldeia de Jaca. Os pontos estão distribuídos por todo o espaço territorial da aldeia e há 146 metros da margem do rio Tapajós. 1: Limite da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna/Norte; 2: Casa do seu Magno e dona Salustina; 3: Lugar da antiga casa do Flávio; 4: Lugar da antiga casa da Eponina; 5: Lugar da antiga casa do Marciano; 6: Lugar da antiga casa do Antônio Rodrigues; 7: Lugar da antiga igreja; 8: Incio do cemitério; 9: Limite do cemitério-Fundos; 10: Limite da aldeia de Jaca e do cemitério/Sul; 11: Ramal do Raimundo que d acesso às antigas cabeceiras; 12: Antiga cabeceira do Marciano; 13: Antiga cabeceira do Flávio e 14: Antiga cabeceira do Eládio.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 13- Imagem de satélite dos pontos georreferenciados na aldeia Paraná-Pixuna. Os pontos encontram-se na área central da aldeia, próximo da margem do rio Tapajós e do Lago do Paraná-Pixuna. 1: Lago do Paraná-Pixuna; 2: Limite da terra preta que até a margem do lago; 3: Concentração de material cerâmico no caminho do porto de seu Tiago que acesso ao lago; 4: Lugar da casa do Elói e Hilda; 5: Materiais da ocupação mais recente, fragmentos de forno de barro; 6: Concentração de cerâmica, próximo do pé de taperebá centenário; 7: Lugar da casa de Bruno e Madalena; 8: Concentração de cerâmica próximo da casa do Cacique Tiago e Majé Ester; 9: Concentração de cerâmica próximo do pé de castanha sapucaia; 10: Terra Preta do Paraná-Pixuna; 11: Local da casa de Damiana e Idácio; 12: Lugar da casa de Palmira e Aureliano e 13: Limite da área de terra preta.



Fonte: Autora, 2024.

3.4.1 Lugares das casas dos moradores mais antigos da aldeia de Paraná-Pixuna

O primeiro lugar que visitamos foi o local da casa de dona Palmira e seu Aureliano (Figura 14). Este lugar está localizado de frente para o rio Tapajós, onde hoje localiza-se a área de socialização da aldeia, com o barracão comunitário e a escola. Há alguns anos atrás neste local também ficava situada a capela de São João Batista, hoje a igreja está sendo construída em uma outra área, próxima do campo de futebol.

Figura 14- Local da antiga casa de Palmira e Aureliano, vestígios do chão batido ainda estão visíveis.



Fonte: Anne Rapp Py-Daniel, 2023.

Seguindo o georreferenciamento, o Cacique Tiago de Melo Sarmiento nos levou até o local onde ficava a casa de Damiana Caetano, mais conhecida como Iaiá e Idácio (Figura 15). Este local faz frente para o rio Tapajós, com bastante vegetação típica da região, onde identificamos várias espécies de plantas, como ingá, mangueira, cajueiro e mucajá. Atualmente o local está abandonado e virou uma taperá⁵. Os familiares de Idácio, foram embora da aldeia há mais de 10 anos atrás, mas ainda é possível encontrar vestígios da estrutura de sua casa neste local.

Figura 15- Em meios a vegetação, está localizado aterro da casa de Damiana e Idácio, um local que foi ocupado, mas atualmente está abandonado.



Fonte: Elaine Pinto, 2023.

⁵ De acordo com Tadeu Melo Sarmiento, “tapera é um lugar onde alguém morou e deixou a casa, as plantas e depois de 20, 30 anos abandonado se torna uma tapera”. (Entrevista realizada, no dia 19 de agosto de 2023). E citou como exemplo o local onde ficava a casa da minha avó Eponina, que foi abandonado pela família depois que ela faleceu.

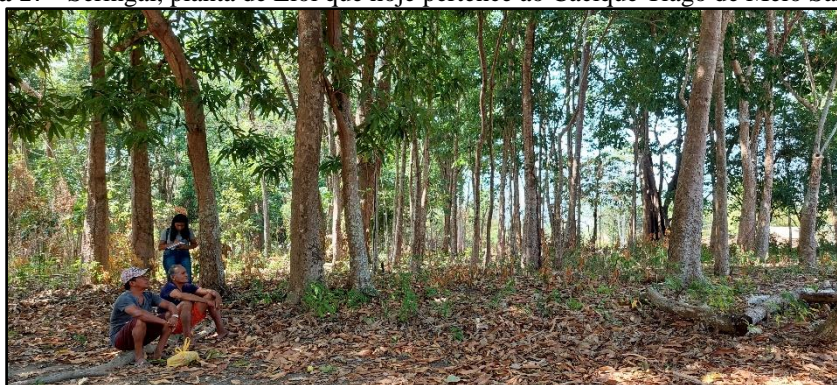
Depois seguimos ao local da casa que pertenceu à família de Eloi e Hilda (Figura 16). Este lugar está situado de frente para o lago do Paraná-Pixuna, com vários tipos de plantas, inclusive um seringal (Figura 17), plantas de Eloi e Hilda. Hoje essas plantas pertencem à família do Cacique Tiago, pois, Hilda ainda em vida, vendeu para eles. No local ainda é possível encontrar vestígios da casa de taipa em meio a vegetação. Eu ainda tenho lembranças da casa do Eloi, era uma casa coberta de palha, com as paredes de barro de frente para o lago do Paraná-Pixuna. Hilda faleceu recentemente, mas nos últimos anos residia na aldeia de Jaca, com sua filha.

Figura 16- Vestígios da casa de Eloi e Hilda.



Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 17- Seringal, planta de Eloi que hoje pertence ao Cacique Tiago de Melo Sarmento.



Fonte: Anne Rapp Py-Daniel, 2023.

E, por último, seguimos para o local onde ficava a primeira casa dos pais do Cacique Tiago de Melo Sarmento, Bruno Sarmento e Maria Madalena. Este local está situado de frente para o lago do Paraná-Pixuna, ao seu entorno tem um seringal que, de acordo com o Cacique

Tiago, é “planta do seu pai”⁶. Como podemos ver abaixo (Figura 18) o resto da estrutura da casa de barro que ficava sobre a área de terra preta, onde é possível encontrar vários fragmentos de cerâmica sobre a superfície da terra, tanto no caminho que dá acesso ao lago, como na área do quintal.

Figura 18- Vestígios da casa de Bruno Sarmento e Maria Madalena



Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

3.4.2 Lugares das casas dos moradores mais antigos da aldeia Jaca

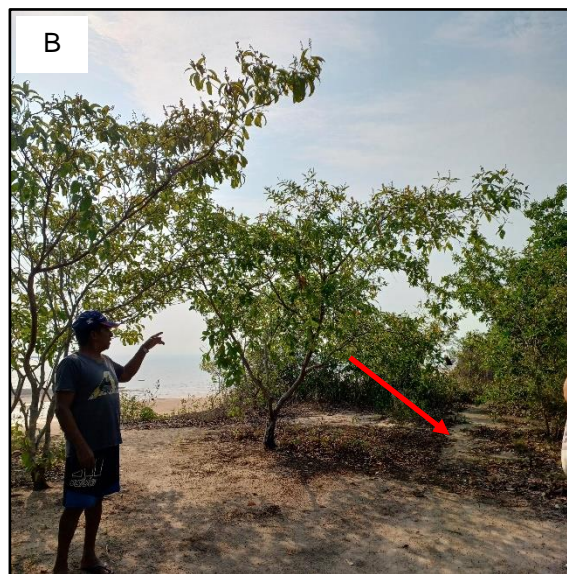
No segundo dia de campo visitamos o espaço, onde localiza-se a antiga casa do Antônio Rodrigues, também conhecido como “Antônio Barata” (Figura 19). Segundo o meu pai, depois que seu Antônio faleceu o local virou uma tapera, os seus descendentes mudaram-se para outra comunidade e a aldeia decidiu (re)ocupar o local, construindo o prédio da escola. Hoje a área faz parte do patrimônio da aldeia, mas devido o fenômeno das terras caídas, que afeta esta área, em virtude da grande emergência climática que estamos vivenciando nos últimos anos, o local encontra-se ameaçado, podemos dizer que daqui alguns anos estes lugares serão levados pela queda do barranco que avança sobre grande parte da área da aldeia no período da enchente. O primeiro caminho antigo da aldeia passava em frente à escola, mas já foi levado pelas terras caídas.

⁶ “Planta do seu pai”: Essa expressão regional significa que o pai do Cacique Tiago plantou as árvores, que elas não cresceram naturalmente.

Figura 19- A: Local onde ficava a casa do Antônio Rodrigues e **B:** Cacique Eládio Rodrigues mostrando onde passava o antigo caminho.



Fonte: Elaine Pinto, 2023.



Fonte: Elaine Pinto, 2023.

Continuando o georreferenciamento na aldeia de Jaca, visitamos o local onde ficava a residência de Santilde Rodrigues e Marciano Miranda (Figura 20). Por vários anos esse local foi habitado por seus filhos Aziel Miranda e Lourival Miranda que viveram na aldeia até 2002 e logo depois mudaram-se para outra comunidade. De acordo com o Cacique Eládio Rodrigues, o local passou a ser (re)ocupado pelo senhor Simão, que chegou na aldeia em 2017. Atualmente, onde ficava o local da casa, tem uma plantação de caju. Este espaço também vem sofrendo com os impactos das terras caídas, as plantações da família de Santilde foram levadas pela queda do barranco.

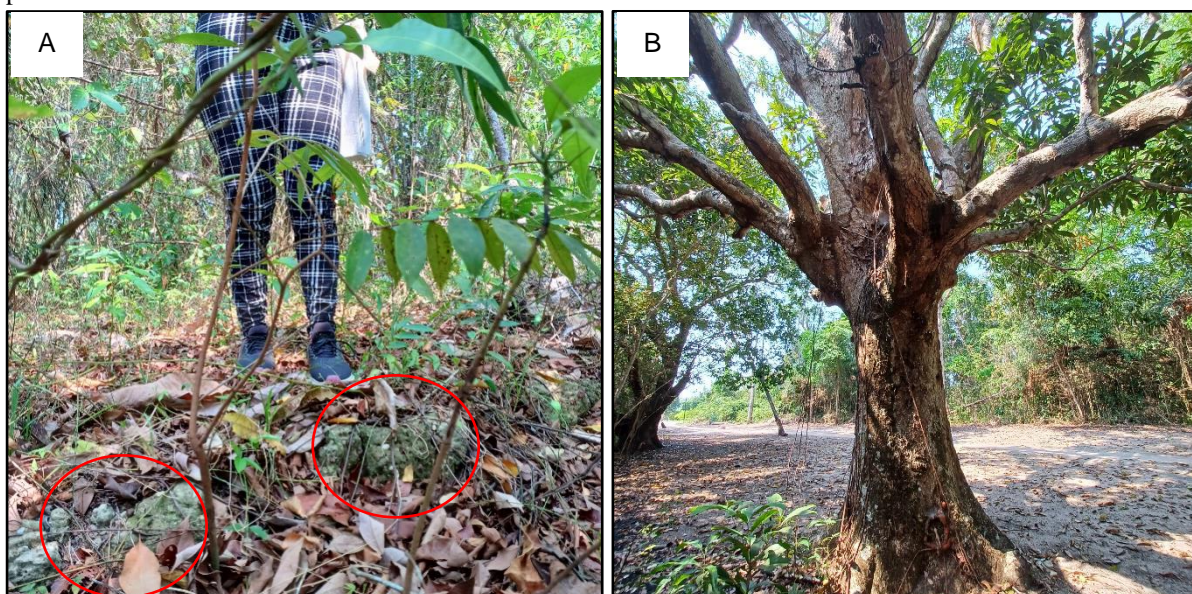
Figura 20- Cacique Eládio Rodrigue, indicando o local da casa de Santilde Rodrigues e Marciano Miranda.



Fonte: Elaine Pinto, 2023.

Seguindo o caminhamento e o georreferenciamento, dos espaços considerados como relevantes para as lideranças, em relação aos primeiros moradores da aldeia, mapeamos o local onde ficava a casa da minha avó Eponina Vieira, esposa de Davino José Rodrigues (Figura 21). Esta área não tem ocupação atualmente, virou uma tapera, já que minha avó faleceu em 2013 e o lugar, pela parte da frente, ficou completamente abandonado por nossa família. Mas ainda é possível encontrar em meio à vegetação que cobre o chão, as ruínas da casa, sobretudo, o baldrame da casa construído com pedras e cimento. No local também existem mangueira, ingá e seringueiras plantas da minha avó. A estrada que passava pela frente de sua casa foi levada pela queda do barranco e os moradores decidiram utilizar o caminho que fizeram para a rede de abastecimento de água que passa entre as duas mangueiras, plantas da minha avó.

Figura 21- A: Restos da estrutura do alicerce da residência da minha avó Eponina e **B:** Mangueira planta de minha avó.



Fonte: Elaine Pinto, 2023.

Seguimos o mapeamento para o local, onde ficava a antiga casa da minha família. A nossa primeira casa tinha a estrutura de palha preta e pau roliço⁷. Depois de alguns anos meu pai construiu uma casa de barro, coberta de palha preta e o piso de cimento. No local ainda existem restos do piso (Figura 22) e alguns pés de plantas, bem como seringa, cajueiro, pitomba e outros. Atualmente essa área de terra pertence ao Cacique Eládio Rodrigues, pois, quando meus pais mudaram-se para outra comunidade entregaram toda a área para ele zelar.

⁷ Pau roliço são as madeiras tiradas na floresta, como a Itaúba, que passam por uma limpeza manual antes da construção da casa.

Figura 22- Resto do piso da casa dos meus pais.



Fonte: Ediele Mota Rodrigues, 2023.

E por último mapeamos o local da casa de Magno Melo e Salustiana Caetano (Figura 23). Os dois faleceram há poucos anos. Este local está situado de frente para o lago do João Galo, que durante o período da cheia mistura sua água com o rio Tapajós. Depois que o casal faleceu, os familiares entregaram a casa para um dos filhos que morava com eles. De acordo com Oneide Caetano, filha do casal, neste local eles encontravam alguns fragmentos de cerâmica, também é um local onde a terra apresenta uma coloração mais escura. Ela também falou no momento da entrevista que antigamente sua família fazia roçado na área que fica próximo da residência e nascia muito mamão naturalmente.

Figura 23- **A:** Casa de Magno Melo e Salustiana Caetano (falecidos), antigos moradores de Jaca e **B:** Plantas deixadas pelo casal.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

3.4.3 Terra Preta do Paraná-Pixuna

Esta área de terra preta está localizada dentro do espaço geográfico da aldeia Paraná-Pixuna (Figura 24), próxima da margem do rio Tapajós e do lago do Paraná-Pixuna. É um sítio arqueológico com ocupação pré-colonial e histórica. Sobre a área de terra preta está situada a residência do Cacique Tiago e dos seus filhos, onde cultivam vários tipos de plantas frutíferas, ornamentais e medicinais. Em meio aos seringais dos antigos moradores, temos a presença de fragmentos de cerâmica. Os vestígios arqueológicos estão localizados sobre a superfície da terra, dispersos, mas também com grandes concentrações de material arqueológico em várias áreas da terra preta, principalmente, cerâmica. Há concentrações de materiais cerâmicos próximo de um pé de taperebá centenário (Figura 26), na área que antigamente pertencia ao seu Eloi e dona Hilda; no caminho do porto do Cacique Tiago que dá acesso ao lago do Paraná-Pixuna (Figura 27); no quintal da residência do Cacique Tiago e da Majé Ester (Figura 28 e 29). Também há concentração em uma área de roçado, com plantações de banana (Figura 25), onde temos a presença de material cerâmico que aflora por toda a área. São fragmentos de possíveis vasos de cerâmica com bordas e paredes decoradas com incisões. Segundo informações da Majé Ester, proprietária da área, a mesma já encontrou vários objetos de cerâmica inteiros, outros estavam quebrados enquanto escavava para tirar minhocas ou quando estava roçando o seu terreno, como lâminas de machado, panela de barro, materiais antropomorfos e zoomorfos, que ela chama de “careta de bicho e careta de gente”.

Figura 24- Terra Preta do Paraná-Pixuna.



Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 25- Roça sobre a área de terra preta.



Fonte: Elaine Pinto, 2024.

Figura 26- Material arqueológico em superfície, próximo ao pé de taperebá centenário.



Fonte: Elaine Pinto, 2023.

Figura 27- Afloramento cerâmico no caminho do porto do Cacique Tiago de Melo Sarmento que dá acesso ao lago do Paraná-Pixuna.



Fonte: Elaine Pinto, 2023.

Figura 28- Vestígios cerâmicos identificados em superfície próximo à casa do Cacique Tiago de Melo Sarmento.



Fonte: Elaine Pinto, 2023.

Figura 29- Faces externas de parede simples e com decoração de incisões.



Fonte: Elaine Pinto, 2023.

Nesta etapa de campo identificamos, dentro do contexto arqueológico antigo, vestígios de materiais da ocupação mais recentes da aldeia, são paredes de forno de barro (Figura 30), que segundo os relatos do Cacique Tiago, pertencia a Eloi, que na época trabalhava com a fabricação de farinha e confeccionava o seu próprio forno de barro. A majé Ester disse que antigamente todas as pessoas que moravam na aldeia sabiam fazer forno de barro e panela de barro, mas na aldeia não tem argila, eles iam pegar o barro no rio Amorim.

Figura 30- A e B: Sobre a superfície, vestígios da ocupação mais recente, paredes de forno de barro.



Fonte: Elaine Pinto, 2023.

Também encontramos em meio aos fragmentos cerâmicos, próximo ao pé de taperebá centenário e na área do seringal, um objeto que não foi possível identificar no momento do georreferenciamento (Figura 31).

Figura 31- Material tubular, possivelmente um lítico, com perfuração no meio.



Fonte: Elaine Pinto, 2023.

Durante as entrevistas em Jaca e Paraná-Pixuna, os interlocutores falaram que a Majé Ester guardava em sua casa alguns materiais cerâmicos que foram encontrados por ela e seus familiares na terra preta do Paraná-Pixuna. E durante a etapa de campo, perguntamos para a Majé Ester se ela podia nos mostrar a sua pequena coleção. A princípio ela ficou com receio de nos mostrar estes materiais, mas no final da etapa do mapeamento, ela nos convidou para conhecermos a sua pequena casa, onde guarda os seus artesanatos e os objetos cerâmicos. Nas (Figuras 32) podemos ver lâminas de machado, apliques antropomorfos e zoomorfos.

Figura 32- **A:** Materiais da pequena Coleção da Majé Ester Oliveira dos Santos. **B:** Material zoomorfo, que faz parte da coleção. **C:** Lâminas de machado de índio encontrados pela Majé ao entorno de sua habitação





Fonte: Fonte: Anne Rapp Py-Daniel, 2023.

É importante dizer que apesar de muitas pessoas terem conhecimento que existe uma área de terra preta em Paraná-Pixuna, com evidências de materiais cerâmicos que estão expostos sobre a superfície, nunca teve nenhuma produção de informações sobre a cultura material arqueológica desse lugar, mas desperta o interesse de várias pessoas curiosas que vão em busca de informações relacionadas a estes materiais ou até mesmo pela compra destes objetos. Este trabalho também serviu para conscientizarmos os moradores para a preservação destes materiais e a não venda destes artefatos.

3.4.4 Cemitério Santa Cruz

Na aldeia de Jaca, está localizado o cemitério público chamado de Santa Cruz (Figura 33), próximo à margem do rio Tapajós e do igarapé do Irusanga, que na língua indígena significa “água fria”, na área sul da aldeia. Segundo o meu pai, o Cemitério Santa Cruz é considerado um patrimônio histórico para a aldeia. Ele fala que seu pai, Davino José Rodrigues, contava que quando sua família chegou em Jaca o cemitério já existia e não sabe informar porque este local recebeu este nome, mas acredita que foi dado pelos antigos que viveram na região. Podemos considerar, pelas informações coletadas nas entrevistas, que o cemitério tem mais de cem anos.

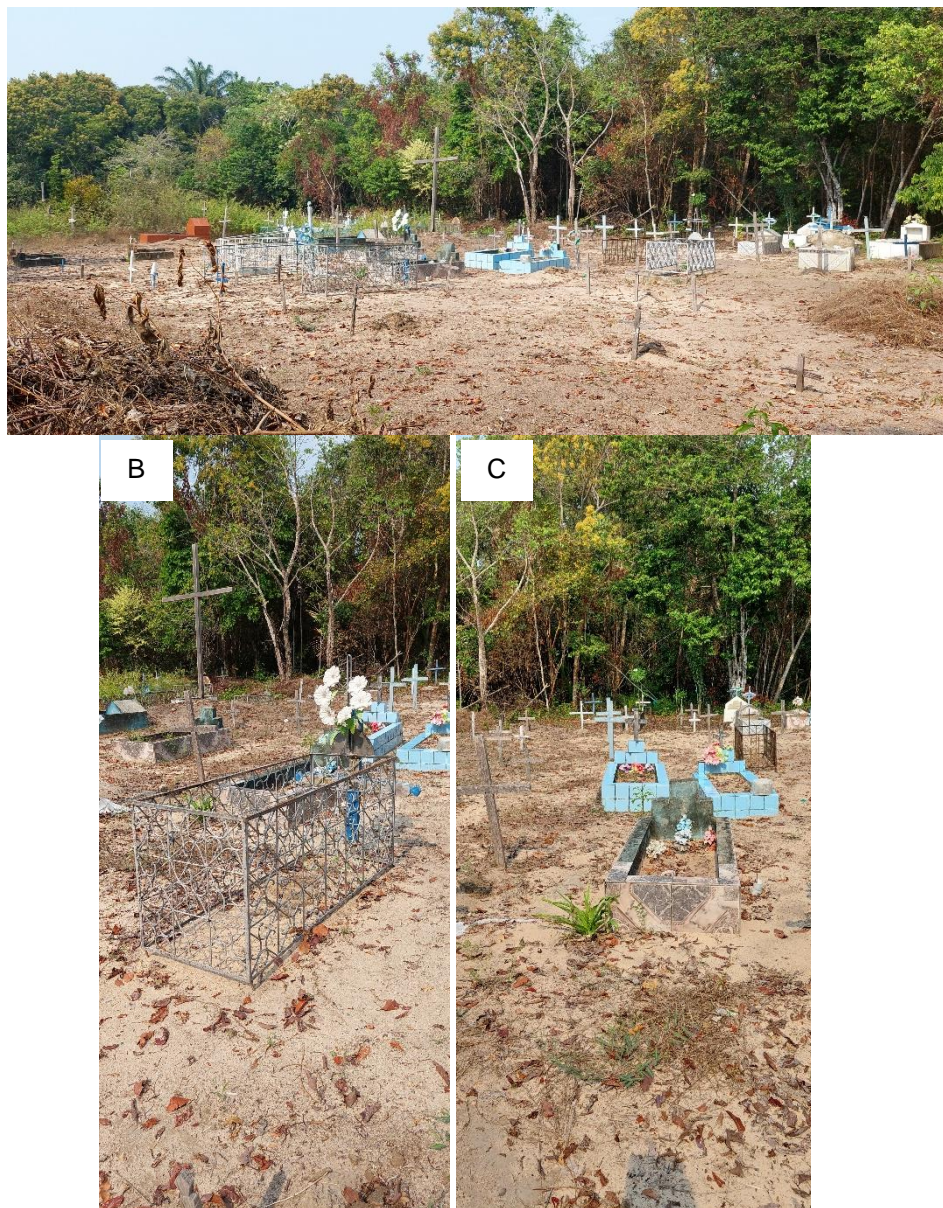
Figura 33- Imagem de satélite da área do Cemitério Santa Cruz, com aproximadamente 291,05 metros quadrados e indicação da sepultura dos primeiros moradores da aldeia de Jaca Tomas José Rodrigues e Davino José Rodrigues e o local do primeiro cruzeiro fundador do cemitério.



Fonte: Autora, 2024.

De acordo com o Cacique Eládio Rodrigues, o Cemitério Santa Cruz, até o final da década de 1999, era o único desta região, ele atendia as aldeias de Mirixituba, Santo Amaro, Jauarituba, Jatequara, Paraná-Pixuna e São Tomé. Também vinham pessoas de outras comunidades mais distantes para serem sepultadas neste local. É possível identificar no cemitério uma variedade de túmulos construídos com recursos naturais locais como a madeira, enquanto outros túmulos apresentavam estruturas de ferro, uma espécie de grade e também construídos com material cerâmico, nas mais variadas cores (Figura 34). A partir destas imagens podemos observar que existe todo um cuidado e respeito por parte das famílias das pessoas falecidas, que zelam e protegem as sepulturas dos seus entes queridos.

Figura 34- A: Cemitério Santa Cruz; **B:** Túmulos de grade de ferro e **C:** Túmulos com revestimentos cerâmicos.



Fonte: Anne Rapp Py-Daniel, 2023.

Podemos afirmar, a partir das entrevistas, que os moradores da aldeia de Jaca estão todos sepultados neste cemitério, Tomas José Rodrigues, Minervina, Davino José Rodrigues, Antônio Rodrigues, Marciano Miranda, Santilde Rodrigues, Magno Melo e Salustiana Caetano. Assim como, outros entes queridos das famílias que residem em Jaca. Os primeiros moradores da aldeia de Paraná-Pixuna também estão sepultados neste espaço, o casal Bruno Sarmiento e Maria Madalena, Palmira Sarmiento e Aureliano (Figura 35) e Eloi. Recentemente foi sepultada neste cemitério a Hilda, esposa de Eloi, uma das moradoras mais antigas de Paraná-Pixuna, que faleceu em 2023, mas que havia se mudado para o Jaca há alguns anos atrás.

Figura 35- Casa construída sobre a sepultura de Palmira e Aureliano, país de Tomé Sarmento dos Santos.



Fonte: Anne Rapp Py-Daniel, 2023.

Figura 36- Ruínas do cruzeiro fundador do cemitério Santa Cruz.



Fonte: Anne Rapp Py-Daniel, 2023.

Pudemos analisar na etapa de campo que o cemitério, praticamente, está cheio de sepulturas. O primeiro cruzeiro foi queimado pelo fogo (Figura 36), mas ainda é possível ver as ruínas do mesmo. Também foi construído mais outros dois cruzeiros neste espaço. A partir das falas do Cacique Eládio Rodrigues, que nos acompanhou no georreferenciamento e por meio da observação visual, percebemos que cada família tem uma área para sepultar seus mortos, constroem casas sobre as sepulturas e gavetões para enterrarem seus parentes. Neste sentido, é possível ver a relação que as famílias têm com seus entes queridos, sobretudo, no dia dos finados, as pessoas vão limpar os locais das sepulturas, levam flores e acendem velas para os finados. Apesar das pessoas terem essa relação com os seus mortos, as casas dos moradores de Jaca ficam distante do cemitério. Segundo o meu pai Flávio Silva Rodrigues e o Cacique Eládio Rodrigues, atrás do cemitério tem uma área de terra preta, que no ano de 1960, o irmão dos dois, Inácio Azamor Rodrigues, fez um roçado para plantar melancia, jerimum e milho.

3.4.5 Antigas Cabeceiras

Os moradores da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna, sempre trabalharam na roça, principalmente com mandioca, para a fabricação de farinha para consumo e para a sua renda financeira. Nas épocas passadas trabalhavam em coletivo, fazendo os chamados “puxirum”. O puxirum, era um trabalho coletivo, onde as famílias faziam uma troca de trabalho para a construção de seus roçados em várias áreas de mata, geralmente esse trabalho era feito pelos homens na derrubada dos roçados e também pelas mulheres nas épocas do plantio das roças. Mas depois de alguns anos, os moradores de Jaca e algumas famílias de Paraná-Pixuna, começaram a trabalhar nas áreas denominadas por eles de cabeceiras. As cabeceiras, eram os lugares onde eles construía as suas casas de farinha, próximo das áreas de igarapé, há mais de 30 minutos da margem do rio Tapajós.

De acordo com o escritor Elisio Eden Cohen (2011), as cabeceiras também foram lugares de esconderijo para muitas pessoas da região que fugiram para as áreas da mata, com medo dos cabanos, no período da Cabanagem.

“Essas pessoas viveram por alguns anos na mata, construindo suas casas à beira de igarapés formando pequenas povoações, as quais davam o nome de “cabeceiras”, que ainda hoje existem e outras encontram em ruínas. Consta que até festas populares foram feitas nessas cabeceiras, como de costume em honra aos santos de suas devoções”. (Cohen, 2011, p. 40).

Nesses espaços as famílias também plantavam várias tipos de plantas frutíferas, como açaí, abacate, banana, bacaba, cupuaçu, coco, castanha-do-Pará, laranja, tangerina, manga, limão, seringa, etc, todas próximas da área do igarapé. Me lembro, que em poucos anos essas plantas começavam a dar frutos e nós fazíamos a colheita para o consumo. Como morávamos num lugar em que todas as famílias cultivavam várias espécies de plantas, não tínhamos a necessidade de comprar essas “coisas”, assim como a venda de farinha também era muito difícil, pois, todas as famílias tinham suas roças e na época a o preço do saco da farinha era muito barato. A partir das entrevistas e do meu conhecimento identificamos seis cabeceiras, todas as cabeceiras são identificadas por nomes (Cabeceira do Aziel; Cabeceira do Flavio; Cabeceira do Eládio; Cabeceira do Ediel; Cabeceira do Magno; Cabeceira do Raimundo, também conhecido como Doca; Cabeceira do Amadeu e a Cabeceira da Oneide). Em Paraná-Pixuna, a partir das entrevistas fomos informados que três famílias trabalhavam nas áreas de cabeceiras: família de seu Bruno, família do seu Elói e a família do seu Tiago.

Meu pai trabalhava na cabeceira, fez um roçado, hoje está capoeira grande, tem seringa, planta dele lá. (...). Lá nós fazia farinha, trazia a farinha na canoa. Agora

tem uma muralha de forno que ninguém sabe de quem era, lá na capoeira do João, lá naquela baixa, ninguém sabe de quem foi, nós não perguntamos para os mais velhos. (Cacique Tiago de Melo Sarmento, em entrevista no dia 18 de agosto de 2023).

Por muitos anos essas famílias trabalharam e manejaram essas áreas, costumavam subir às 6:00 da manhã e voltavam às 6:00 horas da tarde, passavam o dia em suas cabeceiras, voltavam no final da tarde para dormir em suas residências. Nos locais há vestígios das plantas, das muralhas de forno e das estacas dos jiraus (Figura 37 e 38).

Figura 37- Local da antiga Cabeceira do Flávio, no círculo vermelho vestígio da estaca do jirau.



Fonte: Elaine Pinto, 2023.

Cacique Eládio Rodrigues, durante a etapa de campo, falou que escolheu esse lugar para trabalhar quando casou com sua esposa. *“Um dia convidei a Dineia e viemos em busca de um lugar para fazer uma cabeceira para a gente trabalhar e escolhi esse lugar, onde trabalhamos por doze anos”* (Conversa com Cacique Eládio no dia 01 de outubro de 2023). Depois que seus filhos (as) foram embora para a cidade, eles decidiram “baixar”⁸ para próximo de sua residência a sua roça e a casa de farinha.

⁸ Cacique Eládio Rodrigues, falou durante a etapa de campo a expressão “baixar” referindo-se às casas de farinha e às roças que ficavam nas áreas de cabeceiras passaram a ser construídas próximos de suas residências.

Figura 38 - A e B: Local da antiga cabeceira do Cacique Eládio Rodrigues, onde trabalhou por mais de doze anos. Neste lugar ainda há várias espécies de plantas, como mangueira e cupuaçu.



Fonte: Elaine Pinto, 2023.

Hoje em dia praticamente todas as famílias trabalham e cultivam as suas roças na área da aldeia, próximo de suas residências. As cabeceiras, que um dia foram um local de assentamento para estas pessoas, atualmente são áreas de capoeiras, em poucos anos esses lugares foram tomados pela floresta. Mas ainda é possível encontrar nesses locais algumas espécies de plantas que resistem no meio da mata, as estacas dos jiraus, os lugares da muralha do forno e as lembranças que ficaram nas memórias das pessoas, que por muito tempo povoaram esses lugares. De certa forma, posso afirmar que as antigas cabeceiras fazem parte da minha vida e da minha história, por muitos anos trilhamos os caminhos das cabeceiras. Eu, minhas irmãs e meus primos (as), subíamos cedo para ajudar nossos pais na roça e por volta das 10:30 horas tínhamos que baixar para ir para a escola que ficava na Vila de Boim, há aproximadamente 1h30 de bicicleta. A história de Jaca está muito interligada com as nossas vidas, principalmente, da minha família.

Na etapa de campo tive a oportunidade de voltar no local onde era a cabeceira da minha família, trabalhamos nesta área por mais de 12 anos, quando chegamos no local, confesso que não o reconhecia, meu tio Eládio perguntou se eu lembrava daquele lugar, respondi que não, ele falou “aqui era do teu pai”. E a partir desse momento veio as lembranças, que ainda tenho guardadas e que permanecem vivas na minha memória, cada detalhe desse espaço que por muitos anos nos deu alimento para a nossa subsistência.

3.5 Mudanças na Aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna

De acordo com os moradores da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna, as aldeias passaram por várias mudanças ao longo dos tempos, se organizaram como comunidade e logo depois como aldeia indígena, mas essas mudanças também são visíveis no espaço geográfico, no decorrer dos anos. A paisagem local vem sofrendo várias alterações, as florestas vão se transformando em roçados e depois em áreas de capoeiras, e novamente em florestas. Como diz Ana Carolina Sousa da Silva (2018), “Essas pessoas estão transformando a paisagem e a modificando diariamente, ao longo dos anos. Esses processos mobilizam e deixam vestígios materiais” (Silva, 2018, p.33). Podemos perceber através das entrevistas que todos esses acontecimentos foram de grande importância para nós indígenas, pois, a participação das lideranças representando a aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna no movimento social, fez com que conquistassem melhorias para as aldeias.

A partir das entrevistas com os moradores locais e das minhas memórias, podemos afirmar que as mudanças também ocorreram nas estruturas das casas, desde quando construíram as suas primeiras residências, naquele tempo as casas eram construídas com pau roliços, cobertas de palha preta, cercadas com barro ou palha preta e o piso era de barro. Logo depois, as famílias também começaram a construir suas casas com madeiras, cobertas de palha preta ou telhas brasilit (39). Já em 2010, as casas dos primeiros moradores através do Projeto Crédito Habitação do Governo Federal (Figura 40), financiado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e por intermédio de Associações Comunitárias e Intercomunitárias, as famílias foram beneficiadas pelo projeto e suas casas atualmente são de alvenaria, mas ainda é possível perceber que as famílias que chegaram depois, e fixaram residências nestes locais ou formaram famílias depois de 2010, que suas casas ainda são de madeira e cobertas de palha preta. E para entender melhor essas mudanças, eu trago o mapa memorial da aldeia de Jaca e o mapa memorial participativo da aldeia Paraná-Pixuna.

Figura 39- Antiga casa da família do Cacique Eládio Rodrigues, construída com madeira e coberta de palha.



Figura 40- Casa do Cacique Eládio Rodrigues, construída pelo Projeto Crédito Habitação.



Fonte: Ediele Mota Rodrigues, 2023.

A construção do mapa memorial da aldeia Jaca foi feita por mim, a partir das minhas memórias, vivências e observações das últimas viagens que fiz na aldeia, coletando entrevista com os moradores com o "Grupo de Trabalho Memória e Território", e do conhecimento que fui adquirindo com as pessoas mais velhas da aldeia, em especial a minha família (pai, mãe, tio, tia e avó) que sempre estiveram presente na organização interna da aldeia. O mapa memorial é construção dos etnomapas com os locais importantes da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna, identificando os locais das casas antigas e recentes, os lugares significativos, a área de floresta, o rio, lagos, igarapés, sítios arqueológicos e outras informações relevantes a partir do olhar e do entendimento indígena. O mapa memorial da aldeia Paraná-Pixuna, foi construído por mim com a ajuda da minha prima Patrícia Mota Rodrigues, que nasceu e cresceu, na aldeia Jaca, onde morou até 2022, ela me ajudou na identificação das casas dos moradores mais recentes do Paraná-Pixuna. Também contei com o apoio do Tioilson Sarmento, que me auxiliou na localização das antigas cabeceiras e os antigos caminhos de roça.

Senti a necessidade de construir os etnomapas memoriais da aldeia Jaca e Paraná-Pixuna (Figura 42 e 44), para entender como se deu o processo de ocupação e organização das aldeias ao longo do tempo, construída historicamente nas relações entre as pessoas e os lugares. No mapa é possível identificar onde localizavam-se as casas dos primeiros moradores, assim

como as casas dos moradores mais novos, escola, igreja, barracão comunitário, campo de futebol, microssistema de água, lagos, igarapé e antigos caminhos. São lugares que estão ativos e em pleno funcionamento. Outros são vestígios que podem ser encontrados na paisagem local (Figura 41), apesar de muitos desses lugares terem se transformado em áreas de capoeiras e estarem ameaçados pelo fenômeno das terras caídas, devido às mudanças climáticas, que avançam sobre estes locais.

Figura 41- Ruínas da parede da igreja católica.



Fonte: Anne Rapp Py-Daniel, 2023.

Os etnomapas, sem dúvidas foram muito importante para entendermos como se deu o processo de formação das aldeias, mas também será importante para as futuras gerações entenderem como o espaço geográfico da aldeia foi se transformando ao longo do tempo.

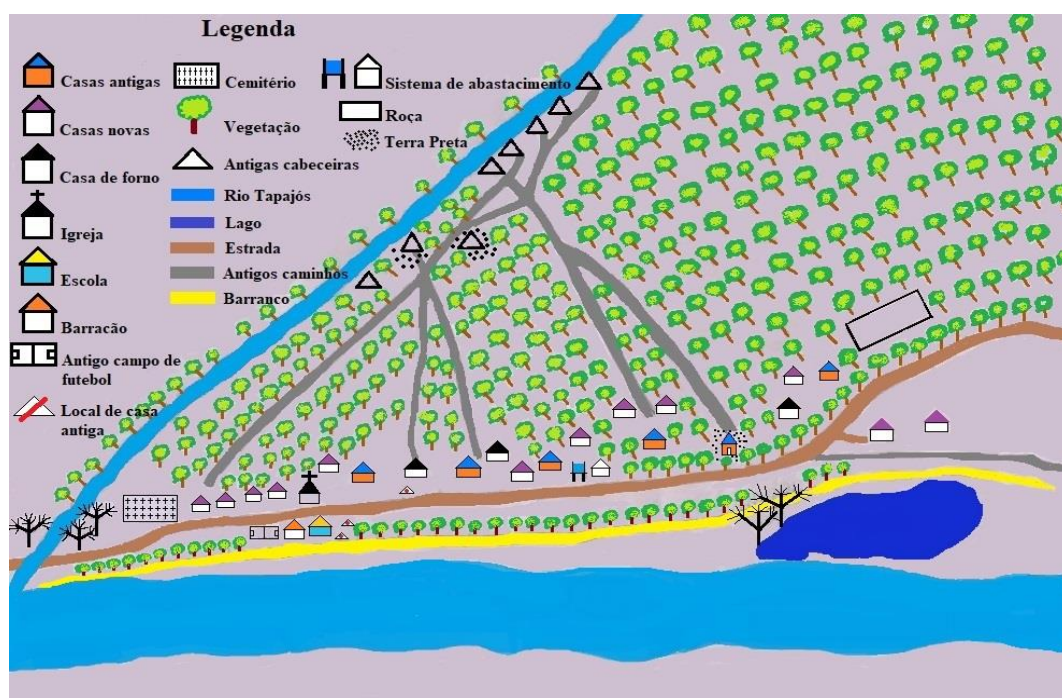
No decorrer dos anos, também tiveram moradores destes locais que mudaram-se para outras aldeias, comunidades da região e para a cidade de Santarém. Por exemplo, os meus pais mudaram-se para a Aldeia Papagaio/Parauá. Aziel Miranda e sua família mudaram para a aldeia São Francisco/Parauá e Maria do Carmo mudou-se para a cidade de Santarém. Já Arlete Sarmiento, moradora de Paraná-Pixuna, mudou-se para a cidade de Santarém, e Binba, mudou-se para a Comunidade de Nova Vista. Com a mudança de Flávio Silva Rodrigues, que naquela época era o Cacique da aldeia, estruturou-se uma nova coordenação, assumindo a função Eládio Rodrigues. Hoje em dia ainda é possível encontrar nos locais onde ficava a residência destes moradores e de suas plantações, como seringueira, mangueira, ingá, etc.

Figura 42- Etnomapa da aldeia Jaca. Procurei evidenciar neste desenho, antes das entrevistas, os lugares antigos e atuais da aldeia.



Fonte: Autora, 2023.

Figura 43- Vetorização do etnomapa da aldeia de Jaca.



Fonte: Ronald Azulay, 2023.

Figura 44 - Etnomapa da aldeia Paraná-Pixuna. Evidencio neste desenho os lugares antigos e recentes da aldeia Paraná-Pixuna.



Fonte: Autora, 2023.

Figura 45- Vetorização do entonomapa da aldeia Paraná-Pixuna.



Fonte: Ronald Azulay, 2023.

Naquela época, também não haviam escolas nestas aldeias, e com a formação das comunidades as lideranças foram em Santarém, junto à Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Santarém, e solicitaram escolas para atender as crianças que já estavam na idade de estudar. A demanda foi atendida e introduzida a “Escola Municipal de Ensino Fundamental Menino Jesus”, em Jaca e a “Escola Municipal de Ensino Fundamental São Sebastião”, em Paraná-Pixuna. As escolas funcionavam nos barracões comunitários, um local coberto de palha, com piso de barro e cercado com ripa. A partir desse momento passou a funcionar as escolas de forma Multisseriada, de 1ª a 4ª séries, anexas à Escola Dom Frederico Costa, na Vila de Boim, onde atuavam professores de outras comunidades.

E, no início dos anos 2000, as lideranças se dirigiram à Prefeitura de Santarém e solicitaram um prédio em alvenaria para funcionar a escola e melhorar as condições do ensino para as crianças. Em 2001, foi construído um prédio em alvenaria com infraestrutura para funcionamento das aulas. Devido a escola ser multi-série, os alunos que concluíam a 4ª série, passaram a estudar na escola Polo, Dom Frederico Costa, há aproximadamente duas horas de caminhada. A partir daí, a escola passou a ser chamada de “Escola Indígena de Educação Infantil e Ensino Fundamental Menino Jesus” e Escola Indígena de Educação Infantil e Ensino Fundamental São Sebastião”, elas ainda oferecem estudos de 1ª a 5ª séries, onde atuam professores indígenas que trabalham com a educação básica, o Notório Saber e a Língua Nheengatu.

Em relação à saúde, as aldeias tinham muitas dificuldades naquela época, final dos anos 90 e início dos anos 2000, a situação era muito precária, nunca teve posto de saúde. As famílias tinham que buscar assistência à saúde no posto de saúde da Vila de Boim. Hoje temos atendimento à saúde pela SESAI, e na aldeia de Jaca, tem uma Casa de Apoio. Neste sentido, podemos ver que as lideranças estão sempre em luta para alcançar as melhorias para suas aldeias.

CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos na T.I. Tupinambá temos discutido muito sobre a nossa consciência indígena e a nossa identidade. Sabemos da importância da construção da nossa história enquanto povo Tupinambá. E para construir a história das nossas aldeias estamos nos apoiando em fontes históricas contadas por nossos sábios mais velhos, uma vez que a oralidade é uma fonte que transmite conhecimento por várias gerações. Como diz, a arqueóloga Quilombola Rafaela Pinto “Trazer nossa história diante da comunidade é mergulhar fundo na vida das pessoas, é ativar a memória e as lembranças que para muitos estavam esquecidas” (Pinto, 2022, p. 58). Neste sentido, é comum ouvirmos em nossas aldeias narrativas sobre o nosso território ancestral. São histórias que podem ser construídas a partir da memória individual e coletivas que fazem uma analogia entre o passado, a história dos nossos antepassados, a luta, a resistência e o presente de cada aldeia. Todas essas informações são essenciais para a construção da identidade do nosso povo.

Quando começamos as pesquisas para este trabalho, percebemos a necessidade de entender a historicidade de cada aldeia, começamos a investigar sua ancestralidade, fomos informados que os nomes das aldeias foram dados pelos antigos moradores. Apesar desses lugares não serem tão povoados naquele tempo, eles sempre foram identificados por nomes. São nomes que muitas vezes fazem referências aos nossos antepassados. Estes nomes dados por nossos antepassados podem ser marcos referenciais para os antigos que identificavam esses lugares. Tanto na aldeia de Jaca, quanto na aldeia Paraná-Pixuna, foram apontadas pelos interlocutores o limite onde começa ou termina a área de cada aldeia, esses aspectos geográficos também são formas de demarcar o território. As referências dos limites são as árvores, as plantas antigas, os lagos e o cemitério. Neste sentido, procuramos entender e descrever a formação das aldeias e a sua relação com estes espaços por meio do diálogo com os moradores mais velhos. Desse modo, entendemos que as técnicas orais possibilitaram uma pluralidade da memória ancestral e ao mesmo tempo a utilização do diálogo facilitou o contato com os membros das aldeias porque estes aspectos fazem parte do nosso cotidiano e da história dessas pessoas.

Dentro dessa perspectiva, entendemos que o patrimônio pré-colonial e histórico é fundamental para fortalecermos a identidade física e cultural da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna, a partir da memória e da história oral contada pelos membros das aldeias. Com base nas entrevistas pudemos (re)construir as nossas histórias, tanto individuais como coletivas para que as nossas futuras gerações tenham acesso aos nossos conhecimentos ancestrais, afinal, todo

povo indígena tem um processo de origem, memória e identidade. Eu, quando ainda criança, sempre ouvia os meus pais contarem várias histórias que foram contadas por seus pais, avós e bisavós. Sempre costumava ouvir atentamente a cada conversa e isso me ajudou a construir o mapa memorial das aldeias. Mas muitas “coisas”, eu só pude ter conhecimento e entender a partir do momento que comecei a construir este trabalho, são informações que somente os sábios mais velhos são conhecedores. Neste sentido, posso afirmar que os interlocutores desta pesquisa são donos de uma memória histórica, capazes de guardar em suas lembranças, datas de acontecimentos que algumas vezes estão registradas em trabalhos acadêmicos, mas tenho plena convicção que essas pessoas nunca tiveram acesso a estes materiais.

Conforme mencionado anteriormente a ausência de informações relacionadas ao território Tupinambá é muito grande, poucos estudiosos desenvolveram pesquisas na região, principalmente, na área da Arqueologia. Os documentos históricos e as pesquisas Arqueológicas atuais não representam a totalidade da nossa história, muitos estudos ainda precisam ser feitos, não há referência bibliográficas para tudo e é muito difícil encontrar referências que falem especificamente do povo Tupinambá, do baixo Tapajós. Nesse momento precisamos que vários estudos sejam desenvolvidos na T. I. Tupinambá, nas mais diversas áreas do conhecimento científico, trabalhando conjuntamente com a história oral da população local. Posso dizer que a história oral potencializou a minha pesquisa porque nos deu acesso a uma pluralidade de memórias sobre o nosso passado. A utilização da memória e a técnica oral facilitaram o contato com as aldeias, porque esses aspectos fazem parte do nosso cotidiano e da história dessas pessoas.

A partir das nossas memórias pudemos fazer uma viagem no tempo sobre a nossa história. Acredito que nesse momento é preciso que a gente recupere a memória das pessoas mais velhas sobre a nossa ancestralidade e a nossa origem que é anterior ao Estado. Precisamos contar as histórias dos nossos antepassados, pois, sabemos que eles tinham suas próprias organizações e saberes tradicionais. Que, devido à violência e imposição cultural da colonização, fizeram com que entendêssemos a nossa identidade, a nossa história e valorizássemos a dos outros. Mas a partir da retomada das memórias dos mais velhos começamos a entender a nossa identidade étnica e fomos em busca de nossos direitos. E foi assim que continuamos a nossa luta, buscando esses saberes que por muitas vezes tentaram apagar, mas que permaneceram guardados nas memórias. O Cacique Eládio Rodrigues, fala que a partir da memória podemos garantir quem nós somos, o que nós queremos e o que lutamos para ser.

(...) a história vem igual criança, ladinando e a gente vai entendendo o que nós somos. E assim nós fomos entendendo e nós reconhecemos e a gente fica sabendo que nós somos um povo e pertencemos a esse povo. Recordamos a nossa memória e tivemos reconhecimento do que a gente é, por isso, logo após a gente ver que alguém apareceu fazendo esse reconhecimento, dizendo quem a gente era, a quem pertencemos, que decidimos ir atrás dos nossos direitos, reconhecer e transformar esse lugar em uma aldeia reconhecida, com uma direção (cacique, pajé, tuxaua). (Cacique Eládio Rodrigues, em entrevista no dia 19 de agosto de 2023).

Apesar dessas terras também terem sido ocupadas por não-indígenas e logo depois “invadidas” por empresas madeireiras (Amazonex e Santa Isabel), elas sempre pertenceram aos indígenas que passaram por essa região e deixaram suas raízes, que hoje brotam nas aldeias indígenas e organizações representativas para fortalecer a nossa identidade. O povo Tupinambá se declarou, retomou a sua identidade étnica com seis aldeias indígenas, reconheceu seu território, enfrentou o preconceito e deu exemplo para outras comunidades se juntarem a nós para lutarem por nossos direitos. Então o mapeamento colaborativo nos ajudou a entender o patrimônio arqueológico e histórico como elementos fundamentais para o fortalecimento da nossa identidade étnica e demarcação territorial. Além disso, pudemos perceber que o tempo e o espaço estão ligados uns aos outros. Nas duas áreas em que trabalhamos é possível encontrar vestígios das ocupações passadas, assim como das ocupações mais recentes. A exemplo das antigas cabeceiras, das capoeiras, das áreas de tapera e coletas de frutos e dos seringais nas áreas de mata, mostram várias espécies vegetais antigas que são e indícios de que a população sempre esteve manejando estes locais, estas áreas de florestas.

Durante as etapas do trabalho observamos que nós, indígenas Tupinambá, temos uma relação muito significativa com as paisagens. “As paisagens são espaços territoriais e simbólicos, por vezes sagrados que emergem das visões de mundo controladas e contestadas pela prática social e ontológica. Seu entendimento é permeado por códigos e pela vivência em aldeia e território” (Jesus, 2022, p.190). As histórias dos encantados, contadas por nossos parentes Tupinambá estão cheias de referências geográficas que traçam rotas e lugares especiais, relacionados aos nossos antepassados que viveram no território. Os lugares sagrados guardam ainda as memórias, as histórias, o respeito e a nossa relação com a mãe terra e com o território. As pessoas mais velhas das aldeias, dizem que muitos jovens, hoje em dia, não conhecem mais os locais sagrados e nem as suas histórias, por isso desrespeitam esses lugares relacionados ao uso da terra, como não passar nesses locais em determinados horários. Lembro-me que, durante o trajeto para a aldeia Paraná-Pixuna, o Cacique Eládio Rodrigues, nos mostrou o limite entre a área de Jaca e Paraná-Pixuna (Figura 45). O limite é demarcado por uma árvore conhecida na região como Loireiro, mas os moradores das duas aldeias chamam essa árvore de

“pau do Patauí”. O Patauí, para os moradores da região é um ser invisível que costuma andar na região altas horas da noite e costuma “malinar” das pessoas quando encontra nas estradas. A árvore encontra-se na divisa entre as duas aldeias, que indica onde começa ou termina as aldeias, considerada um ponto de referência para os limites territoriais e com a função simbólica para as aldeias.

Figura 46- Cacique Eládio Rodrigues nos mostrando a árvore de Loireiro, também conhecidos pelos moradores locais como Pau do Patauí, que demarca o limite territorial entre as aldeias de Jaca e Paraná-Pixuna.



Fonte: Anne Rapp Py-Daniel, 2023.

Sabemos que o nosso povo está em processo de retomada do território, que pertenceu aos nossos antepassados, são espaços que foram áreas de caça, coleta e morada dos nossos ancestrais, que por vários anos foram manejadas por não-indígenas, mas atualmente estão voltando a ser locais de subsistência para estas famílias, como é o caso da aldeia Paraná-Pixuna, com a terra Preta do Frásio. Um local de terra preta, que está a uma hora e meia de distância da margem do rio Tapajós que, segundo os interlocutores, tem muitos fragmentos cerâmicos, castanha-do-Pará e madeiras de leis, como o cedro. O que prova que nossos antepassados cultivavam e habitavam essas terras que antigamente servia os nossos antepassados e hoje está nos servindo. “Nossos ancestrais eram conhecedores de bons lugares, por isso é que atualmente nós fazemos aldeias e roças em cima dos lugares que foram frequentados por eles” (Wai Wai, 2022, p. 40). As nossas raízes estão puxando essa relação com o território, com os materiais arqueológicos e com os nossos antepassados. E nos últimos anos a população está lutando pela preservação desse espaço e denunciando a invasão dessa área considerada sítio arqueológico. A partir das entrevistas podemos dizer que as famílias da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna têm

uma relação cosmológica muito forte com o território ancestral que vai para além dos espaços físicos, ela é espiritual, como por exemplo quando entramos nos lagos e igarapés devemos pedir licenças para os donos desses lugares. A partir das conversas notou-se um grande respeito entre as pessoas e o território Ancestral, por isso estamos lutando pela demarcação de nossa terra.

Eu sou nascido e criado aqui na aldeia de Paraná-Pixuna, estou com 62 anos, aqui em cima dessa terra, onde eu nasci, daqui só vou sair para o cemitério. (Cacique Tiago de Melo Sarmiento em entrevista, realizada no dia 18 de agosto de 2023).

É importante compreendermos que os indígenas Tupinambá, que vivem na T. I. Tupinambá, nos anos 90 também estiveram sob as ameaças das madeireiras que se diziam donas daquelas terras. Diante de toda essa questão, os indígenas foram se locomovendo nos espaços e resistindo às pressões da sociedade, principalmente, dos interesses do capitalismo. Dessa forma, os indígenas estão cada vez mais ocupando os espaços, a partir da análise das entrevistas, constatamos que a (re)ocupação dos espaços onde hoje se localiza-se a aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna, também é motivada pela relação cosmológica com seus antepassados, ou seja, retornaram para os espaços ocupados por nossos antepassados. Nesse sentido, o fato de estarmos retomando essas áreas, que já foram de nossos antepassados, se deve, sobretudo, a uma relação de pertencimento com o atual território.

Tudo que tem por aí, com relação aos sítios arqueológicos são sinais dos nossos antepassados, não é de outros povos. São trabalhos de nossos antepassados e por isso respeitamos que acreditamos que essas terras eram habitadas por indígenas. (Flávio Silva Rodrigues em entrevista, realizada no dia 31 de julho de 2023).

Cacique Tiago de Melo Sarmiento, também fala sobre a importância desses materiais arqueológicos e o respeito que tem por essas áreas.

O significado desses materiais é muito grande, a gente sabe que é proibido vender, para nós essas peças são um documento da nossa terra, são as amostras dos nossos antepassados, ninguém tem o direito de vender, são dos primeiros habitantes que moraram aqui. Quando meu pai morava aqui, eles tinham medo de caçar aqui nesse pedaço, naquele tempo era tudo mata, meu pai falava que os nossos antepassados continuavam morando aqui nessa terra. (Cacique Tiago de Melo Sarmiento em entrevista, realizada no dia 18 de agosto de 2023).

Na área onde estão localizadas as duas aldeias, há marcas que provam a existência das populações passadas no meio ambiente, são elementos com grandes significados que contam a história dos primeiros habitantes da região como, por exemplo, restos de materiais cerâmicos e terra preta que são encontrados no entorno das aldeias e nos quintais de suas casas. A partir disso, é possível afirmar que o vínculo estabelecido com os objetos do passado, encontrados na Terra Preta do Paraná-Pixuna é de pertencimento e proteção. Esses materiais também

pertencem aos povos indígenas do presente. Porque eles são dos nossos antepassados, foram eles que produziram esses objetos, que contam as nossas histórias e marcam a nossa relação entre tempo e espaço. Entender essas ligações entre as pessoas e os objetos arqueológicos na atualidade é muito importante para produzirmos materiais no presente, que serão referências no futuro. Eles também têm uma grande relação com os espaços, onde eram as moradias de seus pais, apesar dessas pessoas não construírem suas casas nesses locais, eles constroem nos espaços próximos de sua família, ou seja, os filhos (as) sempre fazem suas casas próximos das áreas que pertencem à sua família.

Os primeiros habitantes foram os indígenas, tem muita cerâmica aqui, tudo que a gente encontra aqui, foram eles que fizeram, não só aqui, mas também como lá na terra preta, onde estão invadindo, fazendo grandes roçados. (Cacique Tiago de Melo Sarmiento em entrevista, realizada no dia 18 de agosto de 2023).

Flávio Silva Rodrigues, também ressalta que:

Os nossos avós, contavam para os nossos pais, que essa região era habitada pelos indígenas. A cerâmica encontrada nessas terras são a prova de como nossos antepassados, viviam, trabalhavam e manejavam essas terras. E nós garantimos que tem muita cerâmica nessa região que foi trabalho dos nossos ancestrais que já se foram. (Seu Flávio Silva Rodrigues, em entrevista, realizada no dia 31 de julho de 2023).

Além da prática de enterramento de seus entes queridos (pai, mãe, irmã, irmão, etc.) que estão sepultados no cemitério Santa Cruz, localizado na aldeia de Jaca. A partir das informações adquiridas com os interlocutores, vimos que o cemitério guarda uma parte da história da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna, assim como do povo Tupinambá. Ao chegar no cemitério pudemos ter o sentimento de medo, mas ao mesmo tempo nos fez viajar no tempo, por meio das nossas lembranças, onde também podemos observar uma grande diversidade de túmulos, que contam e registram as histórias dos nossos antepassados e de nossas famílias. O cemitério Santa Cruz é um patrimônio histórico, faz parte da história da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna, com elementos significativos para entendermos a nossa cultura e tradições. Os cemitérios são locais que marcam tanto o local dos vivos como dos mortos, onde temos o passado e o presente, mesmo após a morte mantemos uma relação por meio das lembranças com os mortos, esses laços estão visíveis em cada sepultura do cemitério. Os cemitérios fazem parte do nosso território, os nossos ancestrais também faziam enterramentos dos seus mortos, com rituais e ornamentações das sepulturas. Eles também são sinais de ocupações, lugares

respeitados e protegidos pelos vivos, que carregam memórias individuais que se transformam em memórias coletivas com uma grande pluralidade de histórias.

Os nossos informantes foram fundamentais para identificarmos dois locais das antigas moradas, na localização dos antigos assentamentos, considerados cabeceiras durante a pesquisa de campo. Os moradores mais velhos mostraram uma memória muito precisa sobre a localização de cada lugar. Todos os lugares, apesar de hoje serem áreas de capoeiras, neles podemos ver que os moradores também estavam domesticando essas paisagens. Várias espécies de plantas são encontradas nesses antigos assentamentos, onde eles voltam para fazer a coleta dos frutos em várias épocas do ano, sobretudo, no período do cupuaçu, bacaba e outros. Conforme, ressalta Jesus:

Lutamos para viver em nossa terra ancestral, que compreende as características de nosso território tradicionalmente ocupado. O valor de nossas casas-aldeia está vinculado à paisagem que compõe nossa terra indígena. O fluxo social no interior das aldeias na TI Tupinambá apresenta-se através das relações entre pessoas e conformação de caminhos principais e secundários/periféricos, em relação ao alinhamento ao eixo da praça central. Os Tupinambás constroem suas casas de acordo com suas demandas habitacionais e utilizam materiais e recursos provenientes da floresta, que estão disponíveis no território e que possuem relação com sua ancestralidade cultural. (Jesus, 2023, p. 83).

Portanto, através desta pesquisa registramos neste trabalho a história da aldeia de Jaca e Paraná-Pixuna, na qual buscamos entender o seu processo de ocupação desde épocas passadas, assim como o seu processo de formação inicial, destacando as dificuldades encontradas pelos primeiros moradores, assim como, as mudanças que ocorreram ao longo do tempo. Por meio das entrevistas fizemos o levantamento das primeiras pessoas que chegaram e povoaram as aldeias de Jaca e Paraná-Pixuna, dos sítios arqueológicos e dos lugares significativos. A partir dos diálogos identificamos palavras que fazem parte da comunicação local entre as pessoas. Também destacamos a falta de acesso às políticas estruturantes, como saúde, educação e demarcação do território. Que levaram os moradores destas aldeias terem autonomia e se organizarem em comunidades e logo em seguida em aldeias indígenas para terem acessos às políticas públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Luana Lazzeri. **Mulheres indígenas do baixo rio Tapajós (Pará) em exercício de mediação social**. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais) - Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2020.

COHEN, Elisio Eden. **Momentos Históricos da Vila de Boim e seus Distritos (1690-2011)**. Prefeitura Municipal de Santarém. 2011, p. 01-191

BRASIL. Presidência da República. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2023.

GOMES, Denise Maria Cavalcante. **Cronologia e Conexões Culturais na Amazônia: as sociedades formativas da região de Santarém, PA**. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 54, 2011, p. 271-314.

GOMES, Denise Maria Cavalcante. **Amazônia antes da complexidade social: um estudo de comunidades pré-coloniais no baixo Tapajós**. Revista de Arqueologia, São Paulo, v. 5, Nº 2-3, 2003, p. 01-11.

JESUS, Hudson Romário Melo de. **YANÉ RĒDÁWA TĒDÁWA SÃO FRANCISCO: arqueologia ancestral na terra indígena Tupinambá, Rio Tapajós**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2022.

JESUS, Hudson Romário Melo de. **Arqueologia ancestral na aldeia São Francisco, baixo Tapajós, Amazônia**. Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Goiânia, Brasil, v. 21, 2023, p. 74-86.

JESUS, Hudson Romário Melo de. **YÂDÉ KIIRÎBWA YEPÉ WASÚ! Uma reflexão sobre a luta Tupinambá em defesa do seu território**. Revista Arqueologia Publica, Campinas, SP, v. 17, 2023, p.39-64.

MOLINA, Luísa Pontes. **Terras incapturáveis: notas para pensar autodemarcação indígenas**. Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste, v.05, 2018, p. 39-58.

POVO TUPINAMBÁ. **Carta de Ilagé Tupinambá**. VI O Grito Ancestral do Povo Tupinambá, Aldeia Jacaré, Rio Tapajós, 2023.

PINTO, Rafaela dos Santos. **Estudar a história de um quilombo é uma forma de resistir: estudo de caso murumurutuba-PA**. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (Bacharelado em Arqueologia) – Programa de Antropologia e Arqueologia, Instituto de Ciências da Sociedade, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2023.

SILVA, Ana Caroline Sousa da. **De mãe para filhos: transmissão de conhecimento e (re)apropriação do passado arqueológico**. Monografia (Bacharelado em Arqueologia) –

Programa de Antropologia e Arqueologia, Instituto de Ciências da Sociedade, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2018.

TEIS, Denize Terezinha; TEIS, Mirtes Aparecida. **A abordagem qualitativa: a leitura no campo de pesquisa.** Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, v. 1, 2006, p.1-8.

VAZ, Florêncio Filho. **Emergência étnica de povos indígenas no baixo rio Tapajós, Amazônia.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

ZUKER, Fábio Ozias. **Fazer mundos, destruir mundos e refazê-los: ensaios de antropologia política no baixo Tapajós.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, letras e Ciências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

ZUKER, Fabio Ozias. **A autodemarcação da Terra Indígena Tupinambá no Baixo Tapajós.** 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/34786839/A_autodemarcação_da_Terra_Indígena_Tupinambá_no_Baixo_Tapajós. Acesso em 08 de nov. 2023.

WAI WAI, Jaime Xamen. **Etnografia e história das aldeias antigas do rio Kikwo, Pará, Brasil.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa Pós-Graduação em Antropologia, Área de concentração em Arqueologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

APÊNDICES

Apêndice A- Interlocutores que ajudaram na construção do trabalho

Conversamos com o Cacique Eládio Rodrigues, 69 anos, umas das lideranças mais antigas da aldeia. Foi um dos pioneiros no processo de formação da comunidade e esteve presente nas discussões para a criação da RESEX e do movimento indígena. Atualmente exerce a função de Cacique, responsável pela organização social da aldeia.

Figura 47- Cacique Eládio Rodrigues



Fonte: Elaine Pinto, 2023

Anezina Rodrigues, 73 anos, liderança da aldeia de Jaca, esteve presente na luta pela formação da comunidade, e atualmente exerce a função de catequista da igreja católica na aldeia.

Figura 48 - Anezina Rodrigues



Fonte: Arquivo Pessoal,2023.

Tadeu Melo Sarmento, 69 anos, nasceu na aldeia de Paraná-Pixuna, casou-se com Anezeina Rodrigues e veio morar em Jaca a mais de 40 anos. Ele juntamente com sua esposa são responsáveis pela equipe catequista na aldeia.

Figura 49 - Tadeu Melo Sarmento



Fonte: Neiva Rodrigues, 2023.

Oneide de Melo Vieira, 67 anos, é a Majé da aldeia e coordenadora do Microssistema de água, nasceu na aldeia Paraná-Pixuna e veio morar em Jaca quando ainda era criança.

Figura 50- Oneide Melo Vieira



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

Na aldeia Paraná-Pixuna, conversamos com o Vice-Cacique Tiago Sarmento, 63 anos. Por muitos anos exerceu a função de primeiro Cacique, esteve presente nos debates para a criação da RESEX e do movimento indígena. Lutou pela formação da comunidade e em defesa do território quando as madeiras avançaram na região.

Figura 51 - Cacique Tiago de Melo Sarmento



Fonte: Elaine Pinto, 2023.

Tomé Sarmento dos Santos, 73 anos, um dos pioneiros na luta do movimento social, participou das discussões da criação da RESEX e do movimento indígena. Também esteve presente na luta pelo território quando as madeiras entraram na região. Seu Tomé tem guardado em suas lembranças as histórias de luta em defesa do território. Ele exerceu várias

funções na aldeia, como presidente da comunidade e delegado sindical. Hoje ele está com sua saúde fragilizada, no entanto, continua participando dos eventos sociais somente na aldeia.

Figura 52 - Tomé Sarmiento dos Santos



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

Uma das nossas principais interlocutoras do nosso trabalho na aldeia Paraná-Pixuna, foi a Majé Ester Oliveira dos Santos, 58 anos. Nasceu na aldeia Jatequara, e quando casou com o Cacique Tiago de Melo Sarmiento veio morar em Paraná-Pixuna, em 1984. Majé Ester, trabalha com a medicina tradicional, a base dos recursos naturais coletados na floresta, ela nos contou que faz xarope, banhos, garrafadas e outros remédios caseiros. Ela também é artesã, confecciona brinco, colares, tiaras, roupas, etc. A Majé Ester, também foi Cacica, mas hoje também está com sua saúde debilitada, ela participa dos eventos somente na aldeia.

Figura 53 – Majé Ester Oliveira dos Santos



Fonte: Elaine Pinto, 2023

Também realizei entrevista com o Flávio Silva Rodrigues, meu pai, que morou em Jaca por mais de 60 anos, foi um dos principais pioneiros da formação social de Jaca e hoje encontra-se residindo na Aldeia Papagaio/Parauá. Meu pai esteve presente na luta do movimento social por muitos anos, foi militante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém (STTR), fez parte das discussões pela criação da RESEX e do movimento indígena. Ele exerceu a função de Cacique, delegado sindical, presidente e secretário na aldeia de Jaca. Hoje com sua saúde fragilizada está afastado do movimento social. Mas posso dizer que meu pai sabe contar muitas histórias relacionadas à luta do movimento social e é uma das lideranças referências na região do baixo Tapajós.

Figura 54 - Flávio Silva Rodrigues



Fonte: Ana Beatriz, 2024.

Apêndice B- Ficha para cadastro dos sítios arqueológicos

FICHA DE MAPEAMENTO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E HISTÓRICO DA ALDEIA DE JACA E PARANÁ-PIXUNA.

1. IDENTIFICAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

1.1 Nome dos

pesquisadores: _____

1.2 Nome do sítio arqueológico: _____

1.3 Localização do sítio arqueológico: _____

1.4 Descrição do sítio arqueológico: _____

2. MATERIAL ARQUEOLÓGICO

2.1 Descrição: _____

ANEXOS

Anexo 1- História da aldeia de Jaca escrita pelo meu pai Flávio Silva Rodrigues

Histórico do Jaca
foi assim
Em 1907. o 1º morador foi Thomaz
José Rodrigues, em seguida o
seu filho Davino José Rodrigues
que construiu família em 1934
em 1942. chegou mais uma família
de nome Emerico Rocha
e em 1957. mais uma família
Sr. Marciano Miranda e família
em 1968. chegou Maguino Melo
e a assim foi crescendo Jaca.
em número de família
Marciano Miranda passou a
festejar um santinho de nome
menino Jesus desde de 1950, a
1988 esta festa era chamada de
festa de ramada, com marimbão
pandeiro, mastro, ~~etc.~~ etc. etc.
caracaxá, e dança do pretilho
a festa era festejada pelo natal
24 e 25 de dezembro.
Como Jaca passa ser
Comunidade porque na época tudo
era ligado ou seja friquetado em
famílias e achamos por bem
unificar as ideias e a força do
município, e em 1993 criamos uma
Delegacia Sindical pelo STTR-STM.
~~em 20 de setembro~~ Em 20 de
Setembro de 1987. menino Jesus
parceiro do Jaca.
segue

A partir de 93- jaca pode
Ser Comunitade Com delegacia
sindical igreja Clube de futebol
Hoje jaca está legalmente
em todos os setores públicos
jaca tem Hoje um número de
70 família e aproximadamente de
14 família, entre no senes dos
povo indiano em 2000 Com a
ética Tupinambá asesorado pelos
antropólogo do Funaj da capital
DF. em 2003.

Este é um pouco da História
de como foi o jaca, e, como este
Hoje o jaca.

Seu Nome Silva Robinson
Nasci em 1948 Tenho 66- anos idade
107, ano- 81-82-85. Foi Diretor
da Educação Sindical e
Diretor em todas as região
municipal de São Paulo e
filiação ao PT. desde 1982.
Tenho o curso de 70 Horas.
particpei do Congresso da CUT
em 86 no Rio de Janeiro
particpei do curso ético IPA em
manaus em 2005 - representei
os povo indiano do Brasil em 2009
no 10-50 Congresso Inter-eclesial
do C. bis em Rondonia

039.

Thepinambá